

Convergência

485

OUTUBRO
2015 • ANO L



Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

DIRETORA: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
EDITOR: Irmão Lauro Daros, fms
REDATORA: Irmã Rosa Maria Martins Silva, mscs – MTb 0010693/DF

CONSELHO EDITORIAL: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitório, sj
João Edênio Valle, svd

PROJETO GRÁFICO: Manuel Rebelato Miramontes
COORDENAÇÃO DE REVISÃO: Marina Mendonça
REVISÃO: Mônica Elaine G. S. da Costa e Sandra Sinzato
IMPRESSÃO: Gráfica de Paulinas Editora
ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Anderson Augusto de Souza Pereira

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF

Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

Missão: paixão por Cristo e pelas pessoas 621

Mensagem do Papa

Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2015 624

Informes

Religiosos e religiosas partem para a missão na Amazônia 629

Livro *Novos ventos nos conventos* 634

Duas palavras sobre o Ano da Vida Consagrada 636

O grito da terra, dos pobres e dos migrantes 640

Bem-aventurada Assunta Marchetti:
uma mulher que caminhou na santidade 643

Artigos

Ano da Vida Consagrada e a intercongregacionalidade
VERA LUCIA PALERMO 648

Peregrinos vigilantes, místicos militantes, profetas
de uma Igreja em saída: o magistério do Papa Francisco
no enfoque das Cartas “Perscrutai” e “Alegrai-vos”
aos Consagrados e às Consagradas
PAULO SUESS 664

Teologia que dinamizou a Vida Religiosa
Consagrada no Brasil, a partir do Concílio Vaticano II
NIVALDA MILAK 679

Missão: paixão por Cristo e pelas pessoas

Na mensagem para o Dia Mundial das Missões, o Papa diz que “a missão é uma paixão por Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, uma paixão pelas pessoas”. Expressa ainda: “a dimensão missionária, que pertence à própria natureza da Igreja, é intrínseca também a cada forma de Vida Consagrada e não pode ser esquecida sem deixar um vazio que desfigura o carisma”.

Nesse sentido, o primeiro Informe traz o texto da Irmã Rosa: “Religiosos e religiosas partem para a missão na Amazônia”. A autora informa que “Religiosas e Religiosos chegam de várias partes no Brasil para concretizarem a primeira missão da Vida Religiosa Jovem na Amazônia”. O projeto é uma iniciativa das Comissões Episcopais para a Amazônia, Missionária Nacional, CRB Nacional e Pontifícias Obras Missionárias.

Na segunda parte do mesmo texto, Irmã Vanézia apresenta a “Carta da Missão da Vida Religiosa Jovem na Amazônia”. Entre tantas preciosidades, dizem os/as jovens: “Nossos olhos testemunharam também que a Amazônia, o maior mosaico de biodiversidade do planeta, lamentavelmente corre risco, sobretudo na sua maior riqueza, o ser humano, que está sendo o mais ameaçado”.

O Ano da Vida Consagrada está sendo muito rico na produção de livros e artigos sobre a transformação da Vida Religiosa Consagrada. Pe. José Carlos Pereira, CP, também se dedicou ao tema, com a obra *Novos ventos nos conventos*, publicada pela Paulus. Pe. José Carlos enfatiza a vida comunitária,

simplesmente porque a comunidade é essencial para a Vida Religiosa Consagrada. Ele escreve sobre coisas práticas do dia a dia, coisas que acontecem e coisas que deveriam acontecer.

Pe. Alfredo, no texto “Duas palavras sobre o Ano da Vida Consagrada”, reflete sobre a “metáfora dos porcos-espinhos”, do filósofo alemão Arthur Schopenhauer, e faz da parábola duas observações interpretativas das relações humanas na vida comunitária.

Pe. Alfredo também escreve uma reflexão sobre Carta Encíclica do Papa Francisco – *Laudato Si'*, com o texto “O grito da terra, dos pobres e dos migrantes”. O autor destaca as mudanças climáticas e os refugiados climáticos. Estes, apesar de seu “trágico aumento”, não são reconhecidos como tais. Prevalece, como se pode ver, a “indiferença geral”.

Para o Ano da VC, é oportuno exaltar uma pessoa que viveu intensamente, com paixão, a Vida Consagrada. Irmã Rosa escreve sobre a bem-aventurada Madre Assunta, cofundadora da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas, destacando duas datas: o primeiro aniversário da Madre Assunta como bem-aventurada e os 120 anos do Instituto e da vinda da Madre para o Brasil.

A seção Artigos abre com o texto “Ano da Vida Consagrada e a intercongregacionalidade”, da Irmã Vera Palermo. Para a autora, a busca de novos caminhos exige total desprendimento e abertura para o novo. O texto traz algumas pistas e questionamentos para nos ajudar a refletir sobre o tema da intercongregacionalidade e a proposta do Ano da Vida Consagrada, que é retomar o caminho já percorrido, a pisar o chão presente do caminho e a vislumbrar novas possibilidades para um futuro de esperança às nossas Congregações, na realidade hodierna da Vida Religiosa Consagrada.

“Peregrinos vigilantes, místicos, militantes, profetas de uma Igreja em saída”, de Paulo Suess, é outro texto com enfoque no Ano da VC. Fala da mística e da profecia e do Projeto do Papa: uma “Igreja em saída”, que indica o horizonte de transformação missionária da Igreja e da VRC.

Segundo autor, “jamais alcançaremos o horizonte, mas ele nos mantém no caminho e na caminhada”.

Irmã Nivalda Milak escreve sobre a “Teologia que dinamizou a Vida Religiosa Consagrada no Brasil, a partir do Concílio Vaticano II”. “Contemplar a ação do Espírito, que sopra onde quer (cf. Jo 3,8), é reconhecer a dádiva de Deus que recria todas as coisas. Não o vemos, mas podemos perceber seu movimento na trama da vida (cf. Rm 8,22). Também a Vida Religiosa Consagrada se encontra imersa nessa teodiceia. Em cada tempo e lugar busca revelar a beleza da primazia de Deus na vida humana. Vamos caminhar com a VRC na realidade brasileira e destacar a reflexão teológica que a ilumina a partir do Concílio Vaticano II.”

Ir. Lauro Daros, fms

Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2015

Queridos irmãos e irmãs!

Neste ano de 2015, o Dia Mundial das Missões tem como pano de fundo o Ano da Vida Consagrada, que serve de estímulo para a sua oração e reflexão. Na verdade, entre a Vida Consagrada e a missão subsiste uma forte ligação, porque, se todo batizado é chamado a dar testemunho do Senhor Jesus, anunciando a fé que recebeu em dom, isto vale de modo particular para a pessoa consagrada. O seguimento de Jesus, que motivou a aparição da Vida Consagrada na Igreja, é resposta ao chamado para se tomar a cruz e segui-lo, imitar a sua dedicação ao Pai e os seus gestos de serviço e amor, perder a vida a fim de a reencontrar. E, dado que toda a vida de Cristo tem caráter missionário, os homens e mulheres que o seguem mais de perto assumem plenamente este mesmo caráter.

A dimensão missionária, que pertence à própria natureza da Igreja, é intrínseca também a cada forma de Vida Consagrada, e não pode ser esquecida sem deixar um vazio que desfigura o carisma. A missão não é proselitismo nem mera estratégia; a missão faz parte da “gramática” da fé, é algo de imprescindível para quem se coloca à escuta da voz do Espírito, que sussurra “vem” e “vai”. Quem segue Cristo não pode deixar de tornar-se missionário, e sabe que Jesus “caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária” (*Evangelii gaudium*, 266).

A missão é uma paixão por Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, uma paixão pelas pessoas. Quando nos detemos em oração diante de Jesus crucificado, reconhecemos a grandeza do seu amor, que nos dignifica e sustenta, e, simultaneamente, apercebemo-nos de que aquele amor, saído do seu coração trespassado, estende-se a todo o povo de Deus e à humanidade inteira; e, precisamente deste modo, sentimos também que ele quer servir-se de nós para chegar cada vez mais perto do seu povo amado (cf. *ibid.*, 268) e de todos aqueles que o procuram de coração sincero. Na ordem de Jesus – “Ide” –, estão contidos os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja. Nesta, todos são chamados a anunciar o Evangelho pelo testemunho da vida; e, de forma especial aos consagrados, é pedido para ouvirem a voz do Espírito que os chama a partir para as grandes periferias da missão, entre os povos onde ainda não chegou o Evangelho.

O cinquentenário do Decreto conciliar *Ad gentes* convida-nos a reler e meditar este documento que suscitou um forte impulso missionário nos Institutos de Vida Consagrada. Nas comunidades contemplativas, recobrou luz e eloquência a figura de Santa Teresa do Menino Jesus, padroeira das missões, como inspiradora da íntima ligação que há entre a vida contemplativa e a missão. Para muitas congregações religiosas de vida ativa, a ânsia missionária surgida do Concílio Vaticano II concretizou-se numa extraordinária abertura à missão *ad gentes*, muitas vezes acompanhada pelo acolhimento de irmãos e irmãs provenientes das terras e culturas encontradas na evangelização, de modo que hoje se pode falar de uma generalizada interculturalidade na Vida Consagrada. Por isso mesmo, é urgente repropor o ideal da missão com o seu centro em Jesus Cristo e a sua exigência na doação total de si mesmo ao anúncio do Evangelho. Nisto não se pode transigir: quem acolhe, pela graça de Deus, a missão é chamado a viver de missão. Para tais pessoas, o anúncio de Cristo, nas múltiplas periferias do mundo, torna-se o modo de viver o seguimento dele e a recompensa de tantas canseiras e privações. Qualquer tendência a desviar desta vocação, mesmo se corroborada

por nobres motivações relacionadas com tantas necessidades pastorais, eclesiais e humanitárias, não está de acordo com o chamado pessoal do Senhor ao serviço do Evangelho. Nos Institutos Missionários, os formadores são chamados tanto a apontar, clara e honestamente, esta perspectiva de vida e ação como a discernir com autoridade autênticas vocações missionárias. Dirijo-me sobretudo aos jovens, que ainda são capazes de testemunhos corajosos e de empreendimentos generosos e às vezes contracorrentes: não deixeis que vos roubem o sonho de uma verdadeira missão, de um seguimento de Jesus que implique o dom total de si mesmo. No segredo da vossa consciência, interrogai-vos sobre a razão pela qual escolhestes a Vida Religiosa missionária e calculai a disponibilidade que tendes para a aceitar por aquilo que é: um dom de amor ao serviço do anúncio do Evangelho, nunca vos esquecendo de que o anúncio do Evangelho, antes de ser uma necessidade para quantos que não o conhecem, é uma carência para quem ama o Mestre.

Hoje, a missão enfrenta o desafio de respeitar a necessidade que todos os povos têm de recomeçar das próprias raízes e salvaguardar os valores das respectivas culturas. Trata-se de conhecer e respeitar outras tradições e sistemas filosóficos e reconhecer a cada povo e cultura o direito de fazer-se ajudar pela própria tradição na compreensão do mistério de Deus e no acolhimento do Evangelho de Jesus, que é luz para as culturas e força transformadora das mesmas.

Dentro desta dinâmica complexa, ponhamo-nos a questão: “Quem são os destinatários privilegiados do anúncio evangélico?”. A resposta é clara; encontramos-la no próprio Evangelho: os pobres, os humildes e os doentes, aqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, aqueles que não podem retribuir (cf. Lc 14,13-14). Uma evangelização dirigida preferencialmente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer: “existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!” (*Evangelii gaudium*, 48). Isto deve ser claro especialmente para as pessoas que abraçam a Vida Consagrada missionária: com o voto de pobreza, escolhem seguir Cristo nesta sua preferência, não

ideologicamente, mas identificando-se como ele com os pobres, vivendo como eles na precariedade da vida diária e na renúncia ao exercício de qualquer poder para se tornar irmãos e irmãs dos últimos, levando-lhes o testemunho da alegria do Evangelho e a expressão da caridade de Deus.

Para viver o testemunho cristão e os sinais do amor do Pai entre os humildes e os pobres, os consagrados são chamados a promover, no serviço da missão, a presença dos fiéis leigos. Como já afirmava o Concílio Ecumênico Vaticano II, “os leigos colaboram na obra de evangelização da Igreja e participam da sua missão salvífica, ao mesmo tempo como testemunhas e como instrumentos vivos” (*Ad gentes*, 41). É necessário que os consagrados missionários se abram, cada vez mais corajosamente, àqueles que estão dispostos a cooperar com eles, mesmo durante um tempo limitado numa experiência ao vivo. São irmãos e irmãs que desejam partilhar a vocação missionária inscrita no Batismo. As casas e as estruturas das missões são lugares naturais para o seu acolhimento e apoio humano, espiritual e apostólico.

As Instituições e as Obras Missionárias da Igreja estão postas totalmente ao serviço daqueles que não conhecem o Evangelho de Jesus. Para realizar eficazmente este objetivo, aquelas precisam dos carismas e do compromisso missionário dos consagrados, mas também os consagrados precisam de uma estrutura de serviço, expressão da solicitude do Bispo de Roma para garantir de tal modo a *koinonia* que a colaboração e a sinergia façam parte integrante do testemunho missionário. Jesus colocou a unidade dos discípulos como condição para que o mundo creia (cf. Jo 17,21). A referida convergência não equivale a uma submissão jurídico-organizativa a organismos institucionais, nem a uma mortificação da fantasia do Espírito que suscita a diversidade, mas significa conferir maior eficácia à mensagem evangélica e promover aquela unidade de intentos que é fruto também do Espírito.

A obra missionária do sucessor de Pedro tem um horizonte apostólico universal. Por isso, tem necessidade também dos inúmeros carismas da Vida Consagrada, para dirigir-se ao vasto horizonte da evangelização e ser capaz

de assegurar uma presença adequada nas fronteiras e nos territórios alcançados.

Queridos irmãos e irmãs, a paixão do missionário é o Evangelho. São Paulo podia afirmar: “Ai de mim, se eu não evangelizar!” (1Cor 9,16). O Evangelho é fonte de alegria, liberdade e salvação para cada homem. Ciente deste dom, a Igreja não se cansa de anunciar, incessantemente, a todos “O que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos” (1Jo 1,1). A missão dos servidores da Palavra – bispos, sacerdotes, religiosos e leigos – é colocar a todos, sem excluir ninguém, em relação pessoal com Cristo. No campo imenso da atividade missionária da Igreja, cada batizado é chamado a viver o melhor possível o seu compromisso, segundo a sua situação pessoal. Uma resposta generosa a esta vocação universal pode ser oferecida pelos consagrados e consagradas através de uma vida intensa de oração e união com o Senhor e com o seu sacrifício redentor.

Ao mesmo tempo que confio a Maria, Mãe da Igreja e modelo de missionariedade, todos aqueles que, *ad gentes* ou no próprio território, em todos os estados de vida, cooperaram no anúncio do Evangelho, de coração concedo a cada um a Bênção Apostólica.

Solenidade de Pentecostes
Vaticano, 24 de maio de 2015.
Papa Francisco

Religiosos e religiosas partem para a missão na Amazônia

Religiosas e religiosos chegam de várias partes do Brasil, na Diocese de Santarém-PA, para concretizarem a primeira missão da Vida Religiosa Jovem na Amazônia. O projeto é uma iniciativa das Comissões Episcopais para a Amazônia, Missionária Nacional, CRB Nacional e Pontifícias Obras Missionárias.

De acordo com a Assessora da Comissão Episcopal para a Amazônia, Irmã Irene Lopes, CMST, o objetivo é dar oportunidade às jovens e aos jovens religiosos de fazerem uma experiência missionária em terras amazônicas em vista do conhecimento da espiritualidade, do modo de vida das comunidades nativas e dos desafios que se lhes impõe a conjuntura socioeconômica do país.

“Nossa expectativa é que, ao passar por esta experiência, os jovens religiosos se apaixonem por esta causa e as congregações possam, a partir daí, continuar enviando missionários para esta realidade que tanto enriquece o país por sua biodiversidade, mas, por outro lado, tão carente da presença da Igreja”, afirmou Irmã Irene.

Em mensagem enviada aos jovens, a presidente nacional da CRB, Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, destacou a importância deste serviço. “Sabemos que nossa resposta é mínima diante dos imensos desafios, mas é a nossa parte, na generosa resposta dos nossos jovens Consagrados, com o apoio de seus coirmãos e coirmãs, das Comunidades e Coordenações Provinciais.”

O projeto

O projeto Missão da Vida Religiosa Jovem na Amazônia nasceu nos encontros da Pastoral da Juventude, realizados em Brasília, em 2013, e da proposta do Papa Francisco feita aos jovens por ocasião da Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, quando incentivou os jovens a saírem em missão. Os próprios jovens demonstraram unanimemente o desejo de fazer uma missão na Amazônia, como gesto concreto.

De 31 de novembro a 15 de dezembro, jovens de todas as expressões juvenis realizaram a missão em comunidades ribeirinhas e indígenas da Amazônia, nas dioceses de Borba, Parintins, Coari e Boa Vista-AM. De 25 de março a 5 de abril, os religiosos jovens de diversas Congregações atuaram na diocese de Óbidos e Prelazia de Itaituba-PA.

Antes de partirem em missão, os/as missionários/as participaram de um curso preparatório. Assessoraram a formação a psicóloga e religiosa missionária de Santa Teresinha, Irmã Antonieta Vieira da Silva, MST, o bispo da Prelazia de Itaituba, Dom Vilmar Santin, e o teólogo Padre Luis Pinto.

Participaram desta ação missionária pela CRB Nacional as Irmãs Vanézia Pereira da Silva, MST, e Irmã Rosa Maria Martins Siva, MSCS; pela Comissão Episcopal da Amazônia, Irmã Irene Lopes, CMST, e pela Comissão Missionária Nacional (COMINA), Irmã Dirce Gomes, ICP. As Irmãs Vanézia e Irene acompanharam os missionários na missão em Itaituba. Irmã Dirce e Irmã Rosa, na diocese de Óbidos.

Irmã Vanézia Silva Pereira, MST
Assessora do setor Juventudes da CRB Nacional

★★★

Carta da Missão da Vida Religiosa Jovem na Amazônia

631

“Voltaram e contaram o que tinha acontecido no caminho” (Lc 24,33-35)

Irmãs e Irmãos! “Cristo aponta para a Amazônia” (Papa Paulo VI).

Com grande alegria, nós, 25 jovens religiosas e religiosos de dez estados brasileiros, no Ano da Vida Consagrada, enviados em missão para a Diocese de Óbidos e Prelazia de Itaituba, depois de um dia de formação em Santarém, no Pará, partilhamos a inesquecível experiência que fizemos na Semana Santa e Tríduo Pascal, a partir do Projeto Primeira Missão da Vida Religiosa Jovem, uma iniciativa da Conferência dos Religiosos do Brasil com as Comissões Episcopais para a Amazônia e Ação Missionária, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

A experiência aproximou-nos da realidade e sentimos ser presença de Jesus Cristo entre os mais desprovidos, nas mais diversas necessidades, mas certos da presença amorosa de Deus, que caminha com seu povo. Confirmamos quanto é importante conhecer diferentes realidades da que vivemos cotidianamente. A semana de missão contribuiu para nos avaliarmos e percebermos quanto somos agraciados e, por vezes, acomodados e mal-agraçados.

Essa missão nos deu a oportunidade de sermos pobres com os pobres, aprendermos a não desperdiçar as oportunidades que a vida nos dá e olhar a todos como irmãos e irmãs, vivendo cada dia com esperança, sem desanimar mesmo em condições de extrema necessidade. Aprendemos essa lição ao conviver com os povos da Amazônia, escutando suas histórias, celebrando a fé a seu modo, por estradas, vicinais, linhas e rios.

Nossos olhos testemunharam também que a Amazônia, o maior mosaico de biodiversidade do planeta, lamentavelmente corre risco, sobretudo na sua maior riqueza, o ser humano, que está sendo o mais ameaçado.

Percebemos o grande êxodo do campo para a cidade, e o povo vive nas periferias em condições precárias e sem assistência. Comunidades ribeirinhas, quilombolas e aldeias indígenas estão ameaçadas de ser submersas pelas construções das hidrelétricas. Há o drama da exploração sexual contra crianças e adolescentes; o tráfico de drogas, um de seus grandes corredores; a violência no campo e na cidade, ceifando vidas; ameaça de morte colocando em risco as lideranças que lutam em defesa da justiça e dos direitos humanos. Estas e outras realidades são consequências de um projeto de “desenvolvimento” que visa apenas à exploração das riquezas naturais desta região, sem que haja o justo respeito aos direitos dos que lá vivem.

Diante dessas realidades, nós, jovens da Vida Religiosa, nos sentimos interpelados: “Levanta-te, desce e vai ter com eles, sem hesitar, pois fui eu que os mandei” (At 10,20). Como jovens religiosos/as, ressaltamos o desejo de continuar essa missão com o Povo de Deus que vive na Amazônia, atendendo solícitos ao apelo do Papa Francisco: “A Igreja está na Amazônia não como aqueles que têm as malas na mão para partir depois de terem explorado tudo o que puderam”. Queremos efetivamente assumir esse compromisso de estar com o povo, respeitando sua alteridade e reconhecendo a sacralidade da criação de Deus.

Expressamos também nossa gratidão ao Deus da Vida, porque nessa semana pudemos perceber que, não obstante as fragilidades e o baixo número de missionários/as, a Igreja na Amazônia sempre se empenha em comunicar Jesus Cristo ressuscitado como Caminho, Verdade e Vida, e procura marcar presença nas diversas realidades do Povo de Deus.

E, iluminados pela mensagem de Dom Erwin Kräutler, bispo do Xingu (PA), proclamada por Dom Wilmar Santin, bispo de Itaituba, que presidiu a celebração de envio para a Missão da Vida Religiosa Jovem na Amazônia, colamo-nos à disposição e convidamos a todos/as para novos projetos missionários na Amazônia.

“Vai, meu irmão, minha irmã! Lá, em tua nova missão, em tua nova terra, em tua nova pátria, anunciarás Jesus Cristo e o seu Evangelho. Servirás aos pobres, aos excluídos do banquete da vida, lavando-lhes os pés. Falarás com quem nunca andou ou não anda mais conosco. Aproximarás com muito carinho de um povo com cultura e tradições diferentes. Chegando lá, estranharás, sem dúvida, os costumes e usos locais. Mas não imporás as tuas ideias! Não apresentarás o País que te viu nascer como paraíso! Não dirás nunca que, no lugar onde te criaste, as coisas estão bem melhores! Não darás nunca a impressão de que vieste para ensinar, para civilizar, para instruir, para colonizar! Jamais violentarás a alma do povo, que, doravante, será o teu povo! Oferecerás simplesmente o testemunho de tua fé, de tua esperança e de teu amor, e darás a tua vida até o fim, até as últimas consequências! Assim, tu terás o privilégio e a felicidade de viver a graça de todas as graças: encontrarás o Senhor, que disse: ‘Depois que eu ressuscitar, irei à vossa frente para a Galileia’ (Mc 14,28). Missão é sempre ir à Galileia, às Galileias de todos os continentes!”

Que assim seja! Contem com a bênção de Deus e as singelas orações desses 25 jovens, religiosas e religiosos, que mergulharam na Amazônia e a portam no coração para sempre.

Ir. Rosa Martins, MSCS
Assessora de Comunicação da CRB Nacional

Livro *Novos ventos nos conventos*

O Ano da Vida Consagrada está sendo muito rico na produção de livros e artigos sobre a transformação da Vida Religiosa Consagrada. Pe. José Carlos Pereira, CP, também se dedicou ao tema, com a obra *Novos ventos nos conventos*, publicado pela Paulus. Diz o autor:

Sempre quis escrever sobre a Vida Religiosa, mas de uma maneira diferente, numa linguagem simples, um texto para ser lido por todos, religiosos/as e vocacionados/as à Vida Religiosa, sem muitas teorias ou reflexões complexas... Queria poder escrever sobre coisas práticas, do dia a dia, vividas por muitos/as religiosos/as, como, por exemplo, as coisas que acontecem, e as que deveriam acontecer, entre quatro paredes, dentro de nossos conventos, casas ou comunidades religiosas, e que muitas vezes dificultam a Vida Religiosa a atingir seus objetivos, sobretudo a formação de verdadeiras comunidades.

Pe. José Carlos enfatiza a vida comunitária, simplesmente porque a comunidade é essencial para a Vida Religiosa Consagrada. Segundo o autor, “Dela derivam todas as outras situações e elementos... Sem vida de comunidade a Vida Religiosa perde sua razão de ser”. Diz ainda que a vida comunitária precisa ser um espaço de vivência e de convivência entre irmãos/as, lugar de segurança, de aconchego e de proteção, um verdadeiro ninho.

Duas citações do autor conferem grandeza ao livro:

A Vida Religiosa remete, assim, à primeira noção de comunidade, a família, e depois as primeiras comunidades cristãs. É na

família que aprendemos a viver em comunidade, repartindo o pão, a palavra e a vida como resultado do amor.

... repensar a Vida Religiosa, no sentido de sua reestruturação, reconfiguração ou renovação, como é o propósito deste livro, é repensar sobre as causas que distanciam nossas supostas comunidades do verdadeiro sentido de família e das primeiras comunidades cristãs...

O livro se estrutura em seis capítulos, assim distribuídos:

- O primeiro capítulo destaca a vida de comunidade como elemento modular de todo Instituto, Congregação ou Ordem Religiosa.
- No segundo capítulo o enfoque é a sociedade, pois a Vida Religiosa é parte integrante da sociedade e existe para fazer a diferença dentro dela, como clamor profético diante das injustiças e dos desafios do mundo.
- O terceiro capítulo reflete sobre a conversão da Vida Religiosa, porque não é possível falar de mudança, de renovação se não existir conversão.
- O quarto capítulo versa sobre o acolhimento na Vida Religiosa, tema elementar, mas ainda tão descuidado.
- No quinto capítulo trata da renovação da Vida Religiosa propriamente dita, enfocando terminologias e conceitos que são aplicados ao processo de mudança da Vida Religiosa.
- O sexto capítulo busca resgatar as exortações e apontamentos do Papa Francisco para a Igreja e para a Vida Religiosa.

Por fim, nas considerações finais, o autor recorda “os novos ventos trazidos pelo Concílio Vaticano II e as mudanças que a Igreja vem propondo ao longo deste mais de meio século de renovação eclesial. Aqui, mais uma vez o Papa Francisco nos ajuda a discernir caminhos, e a Igreja no Brasil aponta esse caminho de renovação, pedindo a conversão para essas mudanças”.

Ir. Lauro Daros, fms

Duas palavras sobre o Ano da Vida Consagrada

A *metáfora dos porcos-espinhos*, do filósofo alemão Arthur Schopenhauer, pode servir de ponto de partida para duas palavras sobre a Vida Religiosa Consagrada (VRC), neste ano dedicado à mesma. De acordo com o autor, os porcos-espinhos, quando juntos, colocam-se vizinhos uns aos outros o suficiente para aquecer-se reciprocamente, mas mantêm distância bastante para não se ferirem. Ou seja, são capazes de usufruir da energia provocada pela aglomeração, mas incapazes de um confronto mais incisivo, aberto e interpelador.

Emergem duas observações interpretativas. Conforme a primeira, de caráter positivo, os porcos-espinhos evitam delicadamente uma aproximação mais íntima, evitando igualmente ferir os companheiros e, ao mesmo tempo, ferir a si mesmos. A segunda observação, ao invés, interpreta negativamente o comportamento dos animais. Eles absorvem o calor da manada, beneficiando-se uns dos outros, mas fogem de qualquer tipo de relacionamento que possa deixar feridas. Temem as consequências de uma aproximação mais comprometedora.

Transportando a metáfora para o âmbito da Vida Religiosa Consagrada, convém reconhecer de início que todos nós, os seres humanos, pobres mortais, assemelhamo-nos aos porcos-espinhos. A imagem soa um pouco grotesca, é bem verdade, mas cada pessoa possui um lado luminoso, carregado de energia vital, uma espécie de descarga elétrica que transmite calor e afeto, aquece o ambiente, incrementa a solidariedade, a convivência e a alegria cotidianas. Por outro lado, possui de igual forma um lado obscuro, espinhoso, terreno selvagem e desconhecido, onde, soltos e indomáveis, pastam os instintos e interesses, paixões e desejos

inconfessados e inconfessáveis. Em tal região estranha e ignota, anjos e demônios se dão as mãos, joio e trigo crescem juntos, misturam-se ambigualmente as flores e os espinhos, o bem e o mal.

O fato é que na VRC, não raro, os membros que compõem determinada comunidade se beneficiam individualmente das energias que o conjunto comporta e pode oferecer, mas evitam com cuidado comprometer-se num relacionamento mais íntimo. Relacionamento que exija abertura, escuta, diálogo, perdão, correção fraterna, aceitação da alteridade, renovação e crescimento recíproco... Numa palavra, recusam uma relação que revele não somente o lado bom da energia que está em jogo, da luz e da força, dos valores e contribuições de cada um, mas que exponha, também, sua contraface formada de espinhos, vale dizer, os limites e fraquezas, medos e dúvidas, inquietudes e agressividades, contradições e incongruências...

Em geral, limitam-se a aproveitar as *vantagens* da vida comunitária, mas sem o esforço de colocar sobre a mesa a face oculta e distorcida das *desvantagens*. Temendo a nudez própria e alheia, fogem sistematicamente a uma reflexão mais séria sobre estas últimas. Escapam ao empenho coletivo de vencê-las, ao esforço lento, árduo e trabalhoso que, passo a passo, degrau a degrau, possa conduzir a um processo de superação da condição humana de egoísmo, pecado, individualismo. Ante tais dificuldades, aparentemente insuperáveis, prevalece a inércia da água parada. Acabam por ignorar que águas paradas costumam apodrecer, além de não mover moinhos, de não provocar mudanças históricas, nem abrir novos horizontes na marcha dos acontecimentos.

O mais grave, contudo, é que em não poucas ocasiões os religiosos ou religiosas, de maneira consciente ou inconsciente, usam o conjunto da comunidade para esconder os próprios vícios, falhas e defeitos pessoais (espinhos), como o criminoso que, de forma implícita ou explícita, procura diluir-se e neutralizar-se anonimamente em meio à multidão, para fugir às forças da ordem. Desse modo, e simultaneamente, “escondem-se, defendem-se ou protegem-se”

dos vícios, falhas e defeitos (espinhos) dos outros. Instala-se, com isso, uma espécie de cumplicidade corporativista, viciosa e corrupta, onde um acordo tácito ou um véu de mutismo encobre a realidade nua e crua das dificuldades inerentes à vida em comum. O mesmo pode ocorrer no matrimônio, seja com o casal ou com a família: em lugar de abertura, transparência e diálogo, prevalece o silêncio surdo, mudo e cego da autodefesa. Ao invés de combater os cupins que corroem a madeira, enverniza-se o imóvel para dar-lhe uma aparência de mercadoria nova, mas enganosa.

E assim muitas vezes as tensões e problemas (espinhos), ou comodismo, acabam sendo deixados de lado. Enfrentá-los, de fato, fere o “eu” e o “outro” e fere a própria comunidade, acarreta dor e sofrimento, desencadeia discórdias, revela opiniões diferentes, leva a confrontos inevitáveis. Mas pior ainda será deixá-los submersos sob o manto de uma paz aparente, a paz do cemitério, tal como água e azeite justapostos. Uma coexistência pacífica, de mera tolerância. “Fazer verdadeira comunidade”, entretanto, vai muito além disso: trata-se de uma tarefa onde é necessário, sim, abordar os espinhos, deixar-se ferir pelas incongruências e incompreensões dos outros, de todos e de cada um. Partilhar, compartilhar e internalizar as “alegrias e esperanças, tristezas e angústias” de cada um, para usar a expressão de abertura da *Gaudium et Spes* (n. 1).

Concretamente, é preciso assumir conjuntamente a cruz pessoal e comunitária, debater e dialogar sobre as dificuldades, diferenças e conflitos – com a confiança de que “toda ferida, cedo ou tarde, há de cicatrizar”. A crítica construtiva, fundamentada na caridade evangélica, é como o bisturi do cirurgião: fere e rasga o tumor, não para expor a chaga e a carne pútrida em praça pública, aos olhares curiosos, e menos ainda para acelerar a fase terminal da doença, mas única e exclusivamente para curar, para sanar o mal em forma definitiva. O mesmo faz o olhar penetrante de Jesus sobre a situação de pecado: penetra o coração e a alma não para acusar

e apontar a ferida com o dedo em riste, e sim para perdoar e salvar. Condena o pecado, mas aceita o pecador arrependido.

Vale aqui o alerta de que, se é verdade que a existência humana sobre a face da terra consiste numa “floresta de plantas belas, mas espinhosas”, também é certo que ninguém pode atravessá-la sem correr o risco de sofrer alguns arranhões. O importante é manter uma disposição permanente para uma avaliação regular e periódica, uma revisão de vida e, se preciso for, uma mudança de rumo e de método, isto é, uma conversão no sentido bíblico da palavra. A nudez e a transparência, o perdão e o ato de recomeçar são moedas indispensáveis na vida em comum. E o Ano da Vida Consagrada oferece justamente tal oportunidade de renovação. O que significa buscar a identidade primordial, beber da própria fonte do Evangelho e do carisma, para avançar em direção à fronteira e às periferias. É o que na VRC se convencionou chamar de “fidelidade criativa”.

Somente assim haverá espaço para a luz da Palavra de Deus e da intuição do Fundador ou Fundadora. Brilho que penetra, ilumina e dissipa as trevas que procuram esconder vírus e vícios, mentiras e erros, comportamentos nocivos e nefastos. Entra em cena, não sem dor, lágrimas e sofrimento, o combate recíproco de depuração e purificação dos valores e antivalores. Nessa encruzilhada, ao mesmo tempo dolorosa e libertadora, abre-se o leque das possibilidades e das opções: o desafio antigo e sempre novo de nascer e renascer, crescer e revigorar-se. É relevante ter presente, porém, que nascimento e crescimento passam, necessariamente, pelas dores de parto.

Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs*

* **Pe. Alfredo J. Gonçalves**, Missionário de São Carlos (scalabriniano), nasceu em Portugal, na Ilha da Madeira, mas vive há mais de quarenta anos no Brasil. Foi diretor do Centro de Estudos Migratórios, em SP, e durante cinco anos assessorou o Setor de Pastoral Social da CNBB. Atualmente, é vigário-geral de sua Congregação, em Roma.

O GRITO DA TERRA, DOS POBRES E DOS MIGRANTES

“As mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade. Provavelmente os impactos mais sérios recairão, nas próximas décadas, sobre os países em vias de desenvolvimento. Muitos pobres vivem em lugares particularmente afetados por fenômenos relacionados com o aquecimento, e os seus meios de subsistência dependem fortemente das reservas naturais e dos chamados serviços do ecossistema, como a agricultura, a pesca e os recursos florestais. Não possuem outras disponibilidades econômicas nem outros recursos que lhes permitam adaptar-se aos impactos climáticos ou enfrentar situações catastróficas, e gozam de reduzido acesso a serviços sociais e de proteção. Por exemplo, as mudanças climáticas dão origem a migrações de animais e vegetais que nem sempre conseguem adaptar-se; e isto, por sua vez, afeta os recursos produtivos dos mais pobres, que são forçados também a migrar com grande incerteza quanto ao futuro da sua vida e dos seus filhos. É trágico o aumento de migrantes em fuga da miséria agravada pela degradação ambiental, que, não sendo reconhecidos como refugiados nas convenções internacionais, carregam o peso da sua vida abandonada sem qualquer tutela normativa. Infelizmente, verifica-se uma indiferença geral perante estas tragédias, que estão acontecendo agora mesmo em diferentes partes do mundo. A falta de reações diante destes dramas dos nossos irmãos e irmãs é um sinal da perda do sentido de responsabilidade pelos nossos semelhantes, sobre o qual se funda toda a sociedade civil” (*Laudato Si'*, n. 25).

Vale a pena citar todo esse número da nova Carta Encíclica do Papa Francisco – *Laudato Si'* – centrado sobre as mudanças climáticas e as implicações para os, digamos, “refugiados climáticos”. Estes, apesar de seu “trágico aumento”, não são reconhecidos como tais. Prevalece, como se pode ver, a “indiferença geral”. Forçados a fugir de sua terra natal e ignorados quanto ao seu estado de refugiados, terminam ao mesmo tempo praticamente eliminados da própria face do globo terrestre “nossa casa comum”, título do documento pontifício. Indesejados e rechaçados, constituem, aos milhares e milhões, os errantes e excluídos de uma “economia que mata e descarta”, insiste o Papa.

Uma das ideias centrais do texto – espécie de fio condutor que percorre suas páginas – é a estreita relação entre “a dívida ecológica”, de um lado, e a “dívida social”, de outro. Na verdade, duas faces da mesma moeda, uma vez que os primeiros a sofrerem pela devastação dos ecossistemas são aqueles que não dispõem de meios para defender-se de inundações, secas e outras catástrofes do gênero. “As agressões ambientais atingem o povo mais pobre”, diz o Pontífice, citando a Conferência Episcopal Boliviana (LS, n. 48). Em outras palavras, a degradação do meio ambiente e a degradação do ser humano ocorrem simultaneamente, por isso mesmo não podem ser consideradas desvinculadas uma da outra. Qualquer conjunto de políticas públicas destinadas a sanar as feridas e “sintomas de doença” (LS, n. 2) do planeta terra, deve levar em conta as “feridas sociais” (LS, n. 6) das populações mais afetadas, debilitadas e indefesas.

A questão ecológica vem ganhando “maior consciência” e crescente sensibilidade de movimentos, entidades e organizações não governamentais (LS, n. 19). Insere-se intrinsecamente na questão social, por sua vez fio condutor de toda a Doutrina Social da Igreja. Disso resulta uma “íntima relação entre os pobres e a fragilidade do planeta” (LS, n. 16). “Hoje – diz literalmente o Papa – “não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a

justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS, n. 49).

Os migrantes – refugiados climáticos – costumam desmascarar essa estreita ligação entre os danos causados ao meio ambiente e os danos sofridos pelos extratos mais desfavorecidos da população mundial. O grito da terra, dos pobres e dos migrantes é um só e único. Muitos, impossibilitados de autodefesa, são pressionados à fuga em massa. Isto quer dizer que as soluções apontadas pelo documento, insistindo sempre sobre o protagonismo dos envolvidos, não podem deixar de lado os dramas dos migrantes, refugiados, prófugos, fugitivos... número que hoje alcança dezenas de milhões.

Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs*

* **Pe. Alfredo J. Gonçalves**, Missionário de São Carlos (scalabriniano), nasceu em Portugal, na Ilha da Madeira, mas vive há mais de quarenta anos no Brasil. Foi diretor do Centro de Estudos Migratórios, em SP, e durante cinco anos assessorou o Setor de Pastoral Social da CNBB. Atualmente, é vigário-geral de sua Congregação, em Roma.

Bem-aventurada Assunta Marchetti

Uma mulher que caminhou na santidade

O dia 1º de julho de 2015 foi uma data importante para a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas e para Igreja. Pela primeira vez na história foi celebrado o aniversário da cofundadora Assunta Marchetti como bem-aventurada. No dia 25 de outubro, o Instituto comemora 120 anos de fundação e da vinda de Madre Assunta para o Brasil, ocasião especial para homenageá-la.

Vivemos num contexto de transformações humanas, tecnológicas, socioeconômicas e naturais que obrigam, talvez agora mais que nunca, o ser humano a migrar em busca de um lugar adequado para viver. O deslocamento humano leva homens e mulheres de todas as idades a uma corrida frenética, arriscando suas vidas via mar, terra e ar por um lugar que possa chamar de seu. Nunca se imaginou que crianças pudessem, sozinhas, ainda em tenra idade, abandonar o seu próprio país e suas famílias para fugir da violência e da escassez de condições básicas para crescer com dignidade. Do ponto de vista eclesial, o Papa Francisco convida a Vida Religiosa Consagrada a sair do seu próprio mundo, do seu conforto, das sacristias e andar, caminhar, migrar e deixar-se migrar para as periferias das cidades, da história e da existência humana, para ali mesmo encontrar-se com Aquele no qual depositou a sua confiança. É neste contexto que acontece a beatificação de Madre Assunta Marchetti.

Na ocasião, em coletiva de imprensa, autoridades da Igreja destacaram aspectos importantes da vida da bem-aventurada.

“A beatificação de Assunta Marchetti nos introduz ao Ano da Vida Consagrada.”

“Este momento é, para as Irmãs, a descoberta feita com alegria e entusiasmo do valor humano, positivo, espiritual do próprio carisma, e faz reacender o ardor espiritual e missionário. A beatificação faz descobrir a todas as coirmãs o valor da sua vocação”, afirmou o prefeito da Congregação para a Causa dos Santos, Cardeal Angelo Amato, sdb.

Dom Angelo frisou, ainda, que “a beatificação de Madre Assunta é uma espécie de introdução ao Ano da Vida Consagrada, por fazer ver como a Vida Religiosa Consagrada não é feita de leis, mas de pessoas que vivem a graça de Deus com a totalidade de dedicação aos irmãos necessitados, em todos os campos: na educação, na formação dos jovens, na acolhida aos migrantes, na acolhida e no cuidado aos doentes, das pessoas abandonadas, solitárias, pobres, enfim é uma mensagem evangélica de extraordinária qualidade”.

Como religioso salesiano, o cardeal ressaltou o profetismo da Vida Religiosa Consagrada ao dizer: “Os religiosos e as religiosas são verdadeiros/as testemunhas concretas da beleza e da bondade do cristianismo e do Evangelho. Agradecemos ao Senhor porque estes existem, e eu sou um deles, e me sinto verdadeiramente contente ao dizer isso, porque é realmente assim (sorriso de satisfação)”.

“Madre Assunta viveu na radicalidade a consagração e na fidelidade o serviço aos migrantes.”

Esta é uma expressão da superiora-geral das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas, Irmã Neusa de Fátima Mariano, que espera das religiosas do seu Instituto esse renovado ardor vivido pela cofundadora.

Irmã Neusa afirmou, ainda, que seu grande desejo é que a beatificação possa trazer frutos de santidade, renovação e conversão para a Congregação e que, acima de tudo, possa retomar com maior entusiasmo a Vida Religiosa Consagrada. “Queremos que a beatificação traga muita

vitalidade para nós, que renovemos o nosso ânimo na missão, ao carisma, e vivamos nosso ser consagrado no serviço evangélico e missionário aos migrantes.”

“Uma mulher da terra que soube caminhar no céu.”

De acordo com a ex-postuladora da causa da beatificação de Madre Assunta, Irmã Laura Bondi, é preciso cuidar para que Assunta Marchetti não seja banalizada. “A sua beatificação é algo tão sublime, tão sobrenatural, que é preciso cuidar, talvez sentir e viver mais este momento, que falar dele, para não banalizar aquilo que ela soube ser.” Assunta foi, no parecer de Irmã Laura Bondi, “uma mulher da terra que soube caminhar no céu”. Para não banalizar esta graça da beatificação e da pessoa de Assunta, ela sugere: “Silenciar, escutar e mastigar a partir de dentro sem se dissolver em palavras vazias, sugerir, crer”. E acrescentou: “Ela entrou na minha vida a tal ponto que a sinto um pouco minha amiga, a minha mamãe, e não basta, ela é uma companheira no meu caminho e sei que, após tantos anos de intimidade, posso confiar nela”.

“O que fizestes a um destes pequenos, fizestes a mim.”

O arcebispo de Lucca – Itália, diocese onde nasceu e cresceu Assunta Marchetti, Dom Ítalo Castellano, se manifestou surpreso com a realidade de favelas, de pobreza e de exclusão que pôde presenciar no Brasil, como tráfico de drogas, prostituição, violência. “Enquanto conhecia essas situações, refleti muito sobre o testemunho de Madre Assunta e resumo isso numa frase do Evangelho. ‘Disse Jesus: tudo aquilo que fizestes a um destes pequenos, o fizeste a mim’ (Mt 25,40). Isto me faz entender que a missão de Madre Assunta é atualíssima ainda hoje e é uma inspiração para mim, para a minha diocese e para a Igreja.”

“Temos uma bela notícia: do mundo das migrações nascem coisas belas e grandes, uma beata reconhecida pela Igreja e admirada mundialmente.”

Com este pensamento, dirigiu-se aos jornalistas a vigária-geral, Irmã Etra Luana Modica, ao falar das migrações. “Ela, mulher migrante, viveu sua migração por livre escolha, migrante por vocação. Isto nos faz sentir honrados, porque é um modelo de vida para nós missionárias scalabrinianas.”

Segundo a religiosa, “Assunta não perdeu as suas origens italianas como também não permaneceu fora da sociedade que a acolheu, o Brasil”. E complementou: “Graças à sua vida ordinária, mas vivida de modo extraordinário, posso afirmar que ela foi uma cidadã do mundo”.

A beatificação, segundo Irmã Modica, levanta a necessidade urgente de uma nova lei migratória no Brasil. Esta causa mobiliza migrantes, missionários e missionárias e interpela a sociedade civil e os governantes. “No Brasil se pode construir uma sociedade responsável na qual se reparte o pão dos direitos e dos deveres, para construir um ambiente intercultural, que os brasileiros consideram ‘Patria Amada’, e que os imigrantes não tardam a amar, quando chegam nesta terra. Também nisso Madre Assunta nos pode servir de inspiração, porque ela viveu na própria pele o preço da emigração”.

“Os santos não são propriedade de ninguém. Madre Assunta é filha da Igreja.”

A afirmação é do arcebispo de São Paulo, Cardeal Odilo

Todos estes testemunhos revelam uma riqueza de elementos que confirmam que a bem-aventurada Assunta Marchetti foi, de fato, uma mulher da terra que caminhou voltada para o céu, e cabe a cada seguidor e seguidora beber desta espiritualidade para, como ela, dar pinceladas de divindade à sua própria humanidade enquanto caminha nesta terra, junto aos migrantes, rumo a uma pátria que não é terrena.

Ir. Rosa Martins, mscs
Assessora de Comunicação da CRB Nacional

Ano da Vida Consagrada e a intercongregacionalidade

IR. VERA LUCIA PALERMO*

“Espero que cada forma de Vida Consagrada se interroge sobre o que pedem Deus e a humanidade de hoje.”

Carta Apostólica, Às pessoas Consagradas, n. 5

* **Irmã Vera Lucia Palermo** pertence à Congregação das Irmãs do Divino Salvador (SDS). É missionária salvatoriana da Província São Paulo. Assistente Social pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Especialista em Fé e Política, pelo Centro de Fé e Política D. Helder Câmara – CEFEP – CNBB, e em Bíblia pelo Centro Bíblico Verbo e CEBI. Participou no Projeto Missionário Intercongregacional CRB/SP em Manaquiri-AM/Brasil, e no Projeto Missionário Intercongregacional Brasil – Timor-Leste – CRB/CNBB. **Endereço da autora:** Rua Saldanha Marinho, 258 – Centro – CEP 13.360-000 – Capivari-SP. **E-mail:** veraluciapalermo@gmail.com.

Às Irmãs e aos Irmãos da Vida Religiosa Consagrada.

O tema proposto para este artigo é refletirmos sobre o Ano da Vida Consagrada e intercongregacionalidade. Seguem aqui algumas pistas e questionamentos com a pretensão apenas de nos ajudar a refletir sobre o tema da intercongregacionalidade e a proposta do Ano da Vida Consagrada, que é retomar o caminho já percorrido, a pisar o chão presente do caminho e a vislumbrar novas possibilidades para um futuro de esperança às nossas Congregações na realidade hodierna da Vida Religiosa Consagrada.

A busca de algo novo que nos dê esperança

Neste ano somos convocados pelo Papa Francisco a tomarmos nas mãos a nossa Vida Consagrada e nos colocar com os pés no chão na estrada e caminhar em busca de novos paradigmas que alimentem nossa vida e missão inseridos na realidade atual de mundo.

Estamos vivendo uma época de muitas mudanças e, como Vida Religiosa Consagrada, estamos inseridas/os na crise na qual vive o Brasil e o mundo. A Vida Religiosa Consagrada é convidada neste ano a buscar novos caminhos, deixando-se surpreender por Deus.

A busca de novos caminhos exige de nós um total desprendimento e abertura para o novo, pois sabemos que o caminho não está traçado; o caminho se faz passo a passo, e precisamos de muita determinação, persistência e vivência de uma profunda mística que coloca Jesus Cristo como o centro de nossa vida e missão de Consagradas/os, para darmos passos significativos em busca da concretização de um novo jeito de *ser* Vida Religiosa.

“Caminheiro, você sabe, não existe caminho; passo a passo, pouco a pouco e o caminho se faz.” O caminho se faz quando nos colocamos dispostas/os a caminhar, pois é caminhando que conhecemos o caminho. Sem esta disposição não podemos vislumbrar o horizonte que despenha para nós, na busca do núcleo identitário da VC. Muitas vezes, nos acomodamos achando que a estrada já está pronta. É urgente refletirmos sobre a realidade de nossas Congregações, nos dias atuais, pois vivemos numa época difícil, poucas vocações, envelhecimento, num mundo fragmentado... Relações cada vez mais fragilizadas pelo individualismo que invade nossa sociedade e também a nossa vida de comunidade.

A canção de Benedito Prado reflete a realidade do mundo, hoje: “Perdido, confuso, vazio, sozinho na estrada tentando encontrar um caminho que seja o meu, não importa se é duro, eu quero buscar”. Estamos em busca do núcleo identitário da nossa Vida de Consagradas/os e precisamos permanecer juntos no caminho, para descobrir a novidade que Jesus nos traz ao partilhar o pão no cotidiano de nossa vida e missão intercongregacional, pois Jesus se faz caminheiro conosco. Ele nos alcança e caminha ao nosso lado falando-nos ao coração do seu projeto de vida. Sabemos que a realidade contemporânea invade e influencia a nossa vida de consagradas/os, e é dentro deste contexto que somos chamados a *ser* profecia, sinal de esperança e ultrapassar os limites congregacionais, em vista da missão. É pertinente perguntar-nos: Que caminhos novos precisamos buscar para melhor corresponder ao anúncio do Evangelho em resposta ao que Deus e a humanidade pedem de nós?

Olhar os sinais dos tempos modernos

O Papa Francisco, referindo-se à realidade atual, na Encíclica *Alegria do Evangelho*, diz que:

O individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares (EG, 67)... Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a “mística” de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o abraço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada (EG, 87).

Ele convida a VRC a “deixar-se surpreender”, a “abrir-se ao inesperado”, a “despertar o mundo”, a “ser peritos em comunhão”, pois a missão nos chama, hoje, a percorrer outros e novos caminhos.

Estamos vivendo tempos difíceis em nível mundial... guerras, violência, tráfico de pessoas e de drogas aumentam assustadoramente. E no Brasil vivemos uma crise de democracia nunca vista. *Como podemos discernir, hoje, os sinais do tempo e dar uma resposta quando tudo nos leva a um individualismo contagiante?*

Vivemos num mundo globalizado sistemicamente desenvolvido e profundamente individualista. No livro *A Sociedade individualizada*, Bauman diz que: “A globalização rápida da rede do poder parece conspirar e colaborar com uma política de vida privada...”.

Segundo Bauman, a sociedade mundial vive imersa em uma crise de relacionamentos, vivendo em uma “sociedade líquida e individualizada”. Em seu livro *Amor líquido*, ele afirma que o “amor líquido” representa *a fragilidade dos laços humanos* e uma série de artimanhas que os seres humanos engendram para substituí-lo. Segundo o autor, o amor líquido é resultado da modernidade líquida. Esse período se traduz num mundo cada vez mais fragmentado, individualizado e

de um sujeito (pessoa) cada vez mais confuso consigo mesmo, com o espaço que ocupa e com o tempo que o rodeia.

Essa crise provocada pela modernidade líquida assola o indivíduo com o individualismo e o narcisismo exacerbado. Vive-se hoje num mundo fragmentado, sem referências e à deriva. Essa nova realidade tem afetado diretamente o cotidiano das pessoas, trazendo interferências negativas, em especial nos relacionamentos. A Vida Religiosa Consagrada também é diretamente afetada por essa realidade e estamos sentindo concretamente os efeitos dessa crise nas opções vocacionais da juventude, que, imobilizada, já não faz compromissos duradouros.

Bauman reflete ainda sobre esse retrato do mundo contemporâneo, enfatizando que “o amor líquido” acontece tanto nos relacionamentos pessoais como no convívio social cotidiano, numa sociedade mediada pela tecnologia. Ele diz também que:

(...) talvez seja por isso que, em vez de relatar suas experiências e expectativas utilizando termos como “relacionar-se” e “relacionamentos”, as pessoas falem cada vez mais em “conexões”, ou “conectar-se” e “ser conectado”. Em vez de parceiros, preferem falar em “redes” sociais (BAUMAN, 2005, p. 12).

Dessa forma, a internet assumiu a função de conectar pessoas, formar redes de relacionamentos cada vez mais flexíveis. Segundo Bauman, a modernidade líquida criou uma nova era nos relacionamentos, que estão cada vez mais fragilizados e desumanizados. Neste contexto, como *ser e viver* uma Vida Religiosa Consagrada de solidez e leveza como *sinal* do Reino proposto por Jesus de Nazaré?

Ano da Vida Consagrada: chamados a pisar no chão da nossa Vida Religiosa Consagrada

É neste contexto que o Papa Francisco, ao proclamar Ano da Vida Consagrada, nos convida a pisar no chão da “Vida Consagrada na Igreja hoje: Evangelho, profecia e esperança”. Com este lema somos convocadas/os a percorrer novos

caminhos. Com objetivos bem claros e concretos ter a ousadia de *olhar o passado com gratidão*, revendo os marcos de nossa história para ver, além do nosso cotidiano, trazendo à memória as pegadas de nossos passos deixadas sobre o chão. “Deus viu que tudo era bom”, relata o poema da criação. Tudo o que vivemos como Vida Religiosa Consagrada no passado foi muito bom para aquela época, pois vivemos situações que marcaram profundamente a VRC. Hoje, estamos vivendo época de mudanças e uma mudança de época, e precisamos pisar neste presente e vivê-lo com paixão e projetar o futuro com solidez e leveza, “fazendo novas todas as coisas”.

Olhemos o passado e nos alegremos agradecidas/os, pois Deus nos conduziu até o presente com mão forte. “Javé ia à frente deles: de dia, numa coluna de nuvem, para guiá-los; de noite, numa coluna de fogo, para iluminá-los” (Ex 13,21).

Ao retomarmos o que passou, quais os marcos deixados na estrada da vida do povo que desejamos relembrar para continuar? Quais situações não foram tão boas que queremos relembrar para mudar e dar novo sentido? Com que leveza vamos assumir o presente para darmos passos significativos de mudanças de qualidade em nossas congregações?

Assumir com paixão o presente como um gesto da bondade de Deus que envia o seu Espírito sobre nós, preenchendo-nos de esperança e profecia para vivermos na total gratuidade a Boa Notícia do Evangelho, anunciando, com nossa vida, o projeto de vida do Filho de Deus que, conduzido pelo Espírito do Pai, anuncia o seu plano de amor para toda a humanidade. “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu, para anunciar a Boa-Nova aos pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano aceito da parte do Senhor” (Lc 4,18-19). Para que nos consagramos? Jesus tem clara sua missão e nós temos claros os objetivos de fundação de nossas Congregações, bem como os objetivos da nossa consagração?

Viver o presente com paixão pisando no chão das realidades do mundo em que vivemos, e das nossas congregações, saindo pelas estradas e encruzilhadas da vida, cheias/os de

compaixão, exige que vivamos em um estado permanente de profecia. Viver com uma paixão que vem de dentro de nossas entranhas, a qual nos move a viver uma mística bebida da fonte da Sabedoria Bíblica, que nos coloca no chão da vida do nosso povo sofrido, faz-nos buscar um novo paradigma para a VRC vivendo a dialética da profecia.

A canção de Benedito Prado diz que: “Iguais, são todos iguais, ninguém tem coragem sequer de pensar... Será que não vale a pena arriscar tudo, tudo, e a vida encontrar?”. A pergunta é pertinente. *Será que não vale a pena arriscar tudo, tudo e a vida encontrar? Qual é o “tudo” que a Vida Religiosa Consagrada é convidada a “arriscar para a vida encontrar”, neste tempo presente?*

Olhar o futuro com esperança é a grande profecia a que somos chamadas/os a viver. Vivê-la de modo novo “fazendo novas todas as coisas”; fazer opções sem medo do novo que nos é apontado pela proposta de intercongregacionalizar nossa vida e missão.

A nossa meta é olhar para o futuro com objetivos concretos e recriar as relações de fraternidade, sendo peritas/os em comunhão nesta sociedade de relações líquidas que nos são apresentadas todos os dias.

Somos chamadas/os a viver uma confiança absoluta no Deus Divina Providência que caminha conosco e nos conduz na certeza de que novas sementes vão germinar e novos frutos vão surgir, de modo diferente, a partir das alianças, de novas redes e de colchas de retalhos que construiremos juntas/os vivendo em comunidades intercongregacionais em vista da missão, do anúncio do Evangelho e do projeto de vida de Jesus, o Nazareno que não tinha onde reclinar a cabeça.

Jesus foi profundamente obediente ao Pai e para cumprir a sua vontade “humilhou-se, fazendo-se obediente até a morte – e morte de cruz!”. É urgente discernir a vontade de Deus para vivermos um futuro de solidez e leveza, dando uma resposta ao que Deus e a humanidade pedem de nós, Vida Religiosa Consagrada hodierna.

As palavras de São Paulo nos faz pisar o chão do caminho do seguimento de Jesus, fazendo-nos refletir e discernir os sinais dos tempos: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando vossa maneira de pensar e julgar, para que possais distinguir o que é da vontade de Deus, a saber, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito” (Rm 12,2). Este versículo nos coloca no chão da vida e nos convida a não nos conformar com a realidade em que vivemos, mas a transformá-la através de nossa participação ativa e concreta na sociedade.

A paixão por Jesus e o desejo de que seja conhecido e amado é o coração da missão intercongregacional: todas/os nós discípulas/os, que vivemos de Jesus, queremos que ele seja conhecido e amado. Queremos ser servidoras/es entre os pobres, consolo e fortaleza do coração dos que sofrem. Somos chamadas/os a dar vida por toda a humanidade, a comunicar a beleza, a leveza e o vigor de Jesus, a reconciliar e unir todos os povos.

A todo instante, Jesus nos chama para a missão; as instruções que ele nos passa são as mesmas que foram passadas aos primeiros discípulos. “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,19-20).

O Papa Francisco faz provocações pertinentes à Vida Religiosa Consagrada. “Espero que ‘desperteis o mundo’, porque a nota característica da Vida Consagrada é a profecia... Os religiosos e as religiosas, como todas as outras pessoas consagradas, são chamados a ser ‘peritos em comunhão’...”.

Intercongregacionalidade

A intercongregacionalidade devido à missão é um tema que já há algum tempo vem sendo refletido pela VRC, e algumas congregações vêm assumindo concretamente este novo jeito de viver a missão dando continuidade ao projeto

de vida de Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância!” (Jo 10,10).

Podemos lembrar aqui alguns testemunhos intercongregacionais: Projeto Missionário Intercongregacional Brasil – Timor Leste; uma cooperação CRB Nacional e CNBB. O projeto permaneceu em Timor-Leste por onze anos e muitas congregações femininas participaram, tecendo a vida juntas. Este projeto continua agora no Haiti, com a presença de várias congregações. Temos também a experiência em Manaquiri no Amazonas, CRB/SP e CNBB Sul 1. Foram mais de dez anos e muitas congregações participaram desta missão e lançaram suas redes nas águas profundas dos rios Solimões e Negro. São muitas histórias para contar, muita vida dada, doada, repartida. Quem viveu essas experiências não cessa de agradecer a Deus por tanto amor. Temos ainda outras iniciativas em outras Regionais da CRB, destacando a experiência da CRB/MG, bem como o projeto itinerante em Manaus/AM. Sabemos também de iniciativas de algumas congregações que se juntam em projetos comuns pela missão e assumindo compromissos missionários no Brasil e também além-fronteira.

A intercongregacionalidade é concretamente uma aliança que está acontecendo entre Congregações já há alguns anos na Vida Religiosa Consagrada. É um desafio que nos convida a superar a segregação Congregacional e partirmos para um novo jeito de vivermos a Vida Religiosa. Os Carismas partilhados são sementes lançadas em outros campos para germinar e florir propostas novas para vivermos como Vida Religiosa Consagrada em estado permanente de profecia. A missão é o motivo primeiro de nossa união; por isso, somos convidadas/os a nos deixar conduzir pelo Espírito Santo. Dessa forma, obedientes ao Espírito de Deus, somos conduzidas/os além-fronteiras de nossas Congregações para outros lugares onde a vida é ameaçada e a criação continua a gemer em dores de parto.

Enquanto houver pessoas que não vivem dignamente, não podemos sossegar um instante sequer. Enquanto houver pessoas que não têm onde reclinar a cabeça, não

podemos dormir sossegadas/os. Enquanto houver discriminação racial e de gênero, tráfico de pessoas e de drogas, não podemos fixar moradia, pois Jesus nos convida a sair. “Vamos para outra parte, para as aldeias vizinhas, a fim de pregar aí, pois foi para isso que eu vim” (Mc 1,38). Precisamos ser uma Vida Religiosa de saída... itinerante... discípula missionária...

Fazendo referência à intercongregacionalidade, o Papa Francisco ressalta o que espera da VC:

... espero que cresça a comunhão entre os membros dos diferentes Institutos. Não poderia este Ano ser ocasião de sair, com maior coragem, das fronteiras do próprio Instituto para se elaborar em conjunto, em nível local e global, projetos comuns de formação, de evangelização, de intervenções sociais? Poder-se-á assim oferecer, de forma mais eficaz, um real testemunho profético. A comunhão e o encontro entre diferentes carismas e vocações é um caminho de esperança. Ninguém constrói o futuro isolando-se, nem contando apenas com as próprias forças, mas reconhecendo-se na verdade de uma comunhão que sempre se abre ao encontro, ao diálogo, à escuta, à ajuda mútua e nos preserva da doença da autorreferencialidade (...) espero que saibais, sem vos perder em vãs “utopias”, criar “outros lugares” onde se viva a lógica evangélica do dom, da fraternidade, do acolhimento da diversidade, do amor recíproco (...). Qual o medo que temos e vivemos quando falamos em intercongregacionalizar nossa vida e missão?

Olhando com gratidão a história passada da VRC

Fazendo um parêntese, vamos voltar às fontes da VRC para percebemos como o caminho traçado teve muitas mudanças. Em diversos momentos foram surgindo urgências e a necessidade de assumir novos paradigmas, e estes se tornaram marcos importantes para a uma caminhada de fidelidade ao projeto de Deus.

Vemos que, desde sua origem, a Vida Religiosa Consagrada sempre foi uma profecia, isso desde os primeiros monges do deserto, quando se rebelaram contra uma Igreja pomposa e infiel à sua origem. A VRC, no decorrer dos anos e dos séculos, sempre revelou e revela pessoas individualmente ou grupos que vivem de forma profética, procurando imitar o próprio Jesus Cristo. No seu estilo de vida e seguimento radical, tiveram a coragem de fazer mudanças no momento certo.

Ao longo da sua história a Vida Religiosa Consagrada expressiu-se de diversas formas originais, e para responder aos sinais dos tempos atesta a vitalidade e a criatividade em resposta às exigências do Evangelho e às necessidades de cada época. Alguns, em forma de consagração a título pessoal, como os primeiros ascetas, as virgens e as viúvas; outros, em forma de grupos organizados, como as ordens monásticas, as mendicantes, os clérigos regulares etc., que constituem a Vida Religiosa Consagrada propriamente dita.

Sabemos que uma primeira expressão de Vida Religiosa Consagrada foi a vida monástica ou eremítica. Ela teve início por volta dos anos 250 d.C. com alguns ascetas cristãos que se retiram para viver em cabanas, não muito longe das cidades e aldeias, sobretudo no Egito.

Quase nesta mesma época apareceram também Santo Antão e São Pacômio. Eles deram origem à vida cenobítica. A característica própria deste modelo já não é a vida solitária, mas a vida em comum.

Já as comunidades de São Basílio são um modelo muito diferente das de São Pacômio. São Basílio estabelece sua comunidade próxima da cidade; será comunidade aberta.

Para Santo Agostinho, a caridade, a comunhão fraterna, a unidade de vida serão os elementos constitutivos da Vida Religiosa Consagrada concebida por ele. A vida monástica agostiniana tem o seu fundamento na prática da vida comum na sua radicalidade. Sua proposta é viver a vida em comum, modelo dos cristãos primitivos, que viviam um só coração e uma só alma (At 4,32). Da comunhão no amor

deriva a comunhão de bens. A Trindade de Deus é o verdadeiro modelo da comunidade agostiniana.

São Bento viveu numa época em que se chocaram dois mundos: o dos que queriam permanecer fiéis à civilização romana e o mundo dos bárbaros, destruidores dos valores que encontraram para impor os próprios valores. Era preciso alguém para fazer dialogar estes dois mundos; quem o conseguiu foi São Bento.

No início do século XIV emerge um mundo novo: o mundo do Renascimento, com uma nova cultura e a descoberta de novos mundos, o humanismo com a recuperação dos valores clássicos, a nova visão da vida. Neste contexto, vão surgir como resposta novas formas de Vida Religiosa Consagrada, que se articulam à volta dos clérigos regulares.

Tanto as estruturas monásticas como as mendicantes já não respondiam às exigências desse novo contexto socio-cultural. Era necessário lançar-se nas várias frentes com que o novo contexto os desafiava.

Para responder a essas novas situações aparecem três modelos de Vida Religiosa: as sociedades de vida comum apostólica, as congregações clericais de votos simples e as congregações laicais de votos simples. Um novo meio de Vida Religiosa Consagrada, inaugurada por São Francisco e São Domingos, atrai também muitas mulheres.

Destacam-se algumas mulheres influentes na Vida Religiosa feminina e na transformação dos mosteiros. É o caso de Santa Catarina de Siena, Teresa D'Ávila, reformadora do Carmelo feminino, dentre outras que as seguiram fundando novas Congregações.

Algumas características marcantes da Vida Consagrada nesse período foram: a resposta a urgências sociais e eclesiais de toda espécie, e aparecem as congregações com um fim específico (educação, assistência, ensino, cuidado aos doentes); o despertar do interesse missionário (aparecem as congregações especificamente missionárias); a “internacionalidade” (as congregações tornam-se cada vez mais internacionais).

No século XX acentuam-se a estabilidade e o imobilismo, agora apoiados e promovidos pela reforma do Direito Canônico. Porém, é com o Concílio Vaticano II que a VRC tem a oportunidade de mostrar seu rosto profético. Ele pede, em síntese, segundo a *Perfectae Caritatis*: a volta ao Evangelho; ao carisma dos fundadores e fundadoras; a abertura aos movimentos da Igreja e aos sinais dos tempos, e a renovação espiritual.

O objetivo dessa retomada histórica é ler os fatos passados para pisarmos no chão da realidade que vive a VRC hoje e termos a certeza de que precisamos dar passos, pois vivemos uma mudança de época que exige de nós novos posicionamentos quanto à nossa vida e missão congregacionais.

Intercongregar: firmar alianças, tricotar redes, misturar retalhos

Por vários motivos a hodierna situação social e eclesial exige de nós um novo modelo de Vida Religiosa Consagrada. A característica fundamental hoje deve ser a disponibilidade para esta missão sem fronteiras. Os valores que articulam a Vida Religiosa Consagrada estão em função desta missão e desta disponibilidade: a vida de oração, a vivência dos votos, a vida em comunidade. Esta comunidade apostólica missionária não será tanto um conjunto de pessoas que vivem sob o mesmo teto, mas um elo que une a/o religiosa/o a Jesus para a missão. A comunidade é o lugar do discernimento, onde se elabora o projeto apostólico, o modo e os meios de levar a cabo a missão do instituto. É uma comunidade que se reúne para sair... partir. É a missão que as/os reúne e as/os mantém unidas/os. Nesse sentido, a comunidade se abre para firmar alianças, tricotar redes, misturar retalhos em vista da Missão.

Firmar alianças de carismas, elos que cheguem até aos confins da terra. “Ide... ao mundo inteiro e anunciai o Evangelho a todas as criaturas”. Não só ao ser humano, mas ao cosmo, ao universo inteiro, pois toda a criação geme em dores de parto.

Tecer... tricotar redes entre nós, Vida Religiosa Consagrada, e nos lançar em águas profundas, nos abismos do ser humano, e resgatar vidas ameaçadas no mundo que sofre. Homens e mulheres, idosos, jovens e crianças que vivem injustiçados e sem direito à vida digna. Lançai as redes em águas mais profundas, este é o mandato de Jesus. “Eles foram mar adentro e lançaram as redes” e convidaram os companheiros para puxar as redes e colheram 150 grandes peixes. Sozinhos, não seria possível, mas juntos fizeram a grande pesca, e Jesus estava no meio deles, olhando tudo e incentivando-os a ir em frente, com confiança e esperança, dando a certeza de que ele estará junto até o fim dos tempos.

Misturar retalhos e formar uma grande colcha de solidariedade e contagiar o mundo: numa cultura diversificada, superar preconceitos, apontar novos paradigmas, criar laços de fraternidade, dando origem a relacionamentos maduros e duradouros em contraposição à sociedade líquida que nos vem sendo imposta. Viver experiências místicas que deem um novo colorido cultural em nossa vida de comunidade para costurarmos juntas/os uma nova sociedade, pisando no chão da vida e vivendo plenamente o projeto de vida de Jesus de Nazaré “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10).

Misturar sonhos e acreditar num novo céu e numa nova terra, sendo portadores de profecia, pois “há uma esperança para o teu (nosso) futuro” (Jr 31,17). Encarnar nossa vida na vida cotidiana do povo, nas suas urgências, e com ele fazer surgir um novo pentecostes para uma Vida Religiosa Consagrada feliz, cheia de gratidão, testemunho da paixão e compaixão por toda a criação. Sermos peritos em comunhão não somente entre os seres humanos, mas abraçar o planeta inteiro com toda a diversidade de vida. Abraçando toda criatura, vivendo, respeitando e cuidando para renascer das águas do Espírito que sopra onde quer, e vivifica e dá sentido para todo o ser vivente.

Intercongregar os carismas, os sonhos, os projetos, as comunidades. O carisma de cada instituto é dom do Espírito, assim as experiências e situações históricas novas são verdadeiros impulsos do Espírito, e podem levar a Vida Religiosa

Consagrada a novas e inéditas expressões de carismas, formando uma grande rede de solidariedade em vista da missão. Ana Roy dizia que: “A Vida Religiosa é convidada de modo permanente a ultrapassar suas próprias fronteiras e seus próprios horizontes. Deve envolver-se em novas experiências sócio-históricas e culturais... que levam a novas práticas de fé-história-cultura”.

A Vida Religiosa Consagrada ao longo dos anos tem vivido várias iniciativas intercongregacionais na formação e em redes de enfrentamento a questões específicas como: Direitos Humanos, violência e exploração sexual de mulheres e crianças, tráfico de pessoas... Vale ressaltar que a intercongregacionalidade em vista da missão permanece ainda muito no campo da racionalização, do desejo e da reflexão. É urgente avançar, ultrapassar limites, dar passos significativos de parcerias, firmar alianças com a finalidade de expandir o projeto do Reino de Deus a lugares onde a presença da Vida Religiosa Consagrada ainda não chegou. Em lugares aonde ninguém vai... Jesus é nosso ponto de união... Nosso ponto em comum... O mais virá por acréscimo.

Concluir?

Não... não... não temos o que concluir, pois a vida tem início... tem passagem... tem travessia... é caminho... é continuidade... é dialética... é eterna. Fazemos passagem... de um tempo para o outro... travessia de um lado ao outro... de uma vida terrena para uma vida de eternidade.

Olhando o que foi vivido desde os primórdios da VRC, vemos marcos deixados ao longo da estrada que teve altos e baixos... alegrias e desafios, e vemos os tempos atuais como um presente que deve ser vivido com toda profecia e esperança, pois é nele que nossos pés caminham vislumbrando novos horizontes e o futuro que nos espera para ser vivido com profecia, alegria e esperança, já que a vida nova desponta bonita e radiante e nos convida a *ser o Evangelho vivo*... a boa notícia... a profecia... o anúncio... a denúncia e, sobretudo, *ser esperança*.

Jesus é o centro e a fonte de nossos carismas e, como tal, nos une em missão para encarnar o Reino de Deus no mundo. Ele é a nova e eterna aliança e é em torno dele que vivemos os projetos congregacionais e intercongregacionais em vista da missão.

Estão hoje surgindo, na Vida Religiosa Consagrada, novos caminhos, mas a sua identificação com as Congregações estão ainda por discernir. Podemos, no entanto, apontar algumas características ou tendências destes novos caminhos: a prioridade da vida sobre as estruturas; a redescoberta do Espírito Santo, da oração, do louvor e dos valores da missão; a sensibilidade aos pobres, nomeadamente aos novos pobres e excluídos da nossa sociedade; a superação de formas estandardizadas da Vida Religiosa clássica; a busca de estruturas leves; a colaboração com diversas congregações vivendo em comum seus carismas numa só comunidade; a hospitalidade e acolhimento a quantos queiram partilhar sua vida.

“E assim se fez. E Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom. Houve uma tarde e uma manhã... e tudo era muito bom...”

Bibliografia

- ANO DA VIDA CONSAGRADA. *Alegrai-vos*. Carta Circular aos Consagrados e Consagradas do Magistério do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2014.
- _____. *Perscrutai*. Carta Circular aos Consagrados e Consagradas do Magistério do Papa Francisco: São Paulo: Paulinas, 2014.
- ARNAIZ, José Maria. Intercongregacionalidade: possível, conveniente, necessária e indispensável. *Convergência*, n. 450, abr. 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.
- _____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

- _____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- CARTA APOSTÓLICA. *Às pessoas consagradas*, em ocasião do Ano da Vida Consagrada. São Paulo: Paulinas, 2014.
- LIBÂNIO, João Batista. Ampliar alianças intercongregacionais. *Convergência*, ano XLIII, n. 410, abr. 2008.
- PALERMO, Vera Lucia. Intercongregacionalidade: um jeito novo de viver a Vida Consagrada além-congregação e além-fronteiras. *Revista Clar: Revista Trimestral de Vida Religiosa*, ISSN 0124-2172, vol. 49, n. 3, p. 89-9, 2011.
- PAPA, Francisco. Encíclica *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2014.
- PEREIRA, José Carlos. *Novos ventos nos conventos*: desvelando os meandros da Vida Religiosa Consagrada em vista de sua renovação. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção Vida Consagrada).
- SEMINÁRIO NACIONAL para a Vida Religiosa Consagrada. Texto-base. Brasília: CRB Nacional, 2014.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. O que ainda tememos quando ouvimos falar em intercongregacionalidade?
2.
são as palavras-chave deste Ano da Vida Consagrada. Queremos realmente abrir espaço em nossas congregações para refletirmos sobre a urgência de fazermos alianças e ampliarmos redes, misturar retalhos intercongregacionais em vista da missão?
3. Vamos defender nossas instituições ou nos abriremos a novos caminhos para novas experiências?

Peregrinos vigilantes, místicos militantes, profetas de uma Igreja em saída¹

O magistério do Papa Francisco no enfoque das Cartas “Perscrutai” e “Alegrai-vos” aos Consagrados e às Consagradas²

PAULO SUESS*

1 Texto sucinto da Palestra proferida no “Congresso Nacional da Vida Consagrada”, da Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil (CRB), no dia 7.4.2015, em Aparecida/SP.

2 As Cartas *Alegrai-vos* e *Perscrutai*, com as datas de 2 e 8 de fevereiro de 2014, respectivamente, foram enviadas aos religiosos e às religiosas pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, em vista do Ano da Vida Consagrada (30.11.2014 – 2.2.2016), declarado pelo Papa Francisco por ocasião do quinquagésimo aniversário da Constituição dogmática *Lumen gentium*, sobre a Igreja, bem como do Decreto *Perfectae caritatis*, sobre a renovação da Vida Religiosa.

* **Paulo Suess** estudou nas Universidades de Munique, Lovaina e Münster, onde se doutorou em Teologia Fundamental. Atualmente é assessor teológico do CIMI e do COMINA, e professor no ciclo de pós-graduação em Missiologia, no ITESP.

O projeto de uma “Igreja em saída” (EG 20ss; PER 1a, 11b) indica o horizonte de transformação missionária da Igreja e da Vida Consagrada “como *kairós* que exige renúncias” (PER 11b) e “abandono deste cômodo critério pastoral: ‘fez-se sempre assim’” (EG 33). Jamais alcançaremos o horizonte, mas ele nos mantém no caminho e na caminhada. A caminhada nos faz sair de becos sem saída e caminhar com perguntas sem respostas. Nossa fé é “uma fé-caminho, uma fé histórica. Deus revelou-se como história, não como um compêndio de verdades abstratas” (FRANCISCO, p. 33s; ALE 11f).

Três jubileus: perguntas e respostas

Como viver nesse caminho o carisma de cada comunidade de Vida Consagrada e Apostólica, um carisma que se propõe a “seguir Cristo ‘mais de perto’” (PC 1b) e que “se torna missão” (VC 72a), segundo a vontade de Deus e as necessidades do mundo e na unidade do Espírito Santo? Essa me parece ser a pergunta essencial que nos foi feita por ocasião do “Ano da Vida Consagrada”. Ela articula quatro questões que isoladamente não podemos responder:

- a questão da identidade do carisma;
- a vontade suprema de Deus;
- a necessidade de encontrar um sentido nessa vida para uma humanidade sofrida e, muitas vezes, sem rumo; e

- a unidade eclesial na diversidade do Espírito.

O tema que inicia o “Congresso Nacional da Vida Consagrada” me faz procurar vestígios da vontade de Deus, não nas nuvens, mas na memória histórica de “peregrinos vigilantes”, na visão de “místicos militantes”, nos conflitos do mundo, que exigem coragem profética e esperança visionária. A proposta da Vida Consagrada de “seguir Jesus mais de perto” (PC 1b, VC 72a) nos faz descer com ele, encarnados no mundo em conflito e na humanidade alienada, e nos faz descobrir que nós também fazemos parte desses conflitos e dessa alienação da humanidade, da qual fomos tirados e devolvidos pela consagração.

No meio de grandes conflitos e acusações que fazem parte de um tempo de reforma e transformação, Santa Teresa de Jesus, cujo quinto centenário de nascimento celebramos no dia 28 de março, nos aconselha com certo realismo: “Não há absolutamente nenhuma vantagem em se defender. Vede como respondeu o Senhor pela Madalena acusada em casa do fariseu pela própria irmã. Não vos tratará com tanto rigor como a ele próprio, que já estava na cruz quando permitiu que um ladrão falasse por ele” (cf. TERESA, 15,1.7). “Somos servos inúteis” (Lc 17,7ss). Deixemo-nos defender por Jesus, pelo ladrão ou pelo povo. Defendamos as causas do Reino, não a nós, que fazemos parte de uma Igreja às vezes “ferida e enlameada por ter saído pelas estradas” (EG 49), às vezes, por não ter saído, por ser muito sedentária e caseira. Nos dois casos, o Senhor nos escolheu em sua misericórdia sem limites, na qual “se manifesta sua onipotência” (EG 37).

Faz muitos anos que procuramos decifrar as múltiplas crises da Vida Religiosa, a crise da identidade, a crise vocacional, o choque das mentalidades em nossas casas, a crise causada pelo envelhecimento das nossas comunidades, a crise das nossas obras, que não conseguimos mais adequadamente administrar. A falta de atratividade da Vida Religiosa Consagrada nos incomoda porque parece ter duas causas opostas:

- a primeira, porque é apenas uma cópia amarelada do mundo e não um sinal de contradição;
- a segunda, pelo contrário, porque a nossa vida é realmente um sinal de contradição, um viver no mundo sem ser do mundo, com um despojamento e um desapego que podem causar estranhamento a muitos jovens de hoje. (Ao despedir-se da superiora que deu a vida pela causa do Reino, a postulante confessa: “não aguento o tranco de vocês”).

O que Deus nos quer dizer só podemos parcialmente decifrar com a humildade que rompe o círculo vicioso da autorreferencialidade (EG 8, cf. 94s) e da previsibilidade de seus caminhos. Assumimos a caminhada na “nuvem do não saber”, com uma atitude de conversão pessoal, um horizonte de transformação estrutural da sociedade e uma experiência histórica que nos consola: quantas vezes já morreremos no decorrer da história, fomos perseguidos, varridos e expulsos por regimes políticos ou até pela própria Igreja por causa das nossas virtudes e dos nossos pecados? Nos obrigaram a ficar um ano debaixo da terra, como a cigarra, e voltamos de novo revigorados, cantando ao sol?

O “Congresso Nacional da Vida Consagrada” realiza-se na alegria festiva e na esperança de novas respostas a partir de uma tríade jubilar:

- o jubileu do cinquentenário do encerramento do Vaticano II, que inspirou;
- o segundo jubileu, o Ano da Vida Consagrada, no horizonte;
- do terceiro jubileu, o Ano Santo da Misericórdia.

O primeiro jubileu, o cinquentenário do Vaticano II, nos pergunta sobre o caminho percorrido. De onde chegam os “peregrinos vigilantes” da “Perfeita Caridade”? O “Ano da Vida Consagrada”, o segundo jubileu, previsto entre 30 de novembro de 2014 e 2 de fevereiro de 2016, pergunta: Onde estão hoje esses adeptos do caminho específico do seguimento de Jesus ou, no dizer do Papa, por onde andam esses “reservistas do futuro”, as consagradas e os consagrados?

O terceiro jubileu, o “Ano Santo da Misericórdia” será iniciado no dia 8 de dezembro de 2015, dia do encerramento do Concílio. Parece como um ritual dos Bororo, do Mato Grosso, cujos ritos do encerramento de uma vida sempre são ritos de iniciação festiva e prolongada de um grupo de jovens na vida do povo. Encerramento do Concílio e abertura da Porta Santa na Basílica de São Pedro são os ritos com um significado profundo. A porta não será aberta para receber, mas para sair (cf. PER 18k), para encontrar novos caminhos, para “sair de si mesma” com audácia e coragem.

Quem sai por esta porta, como primeira, é a Misericórdia, uma dama despojada, com costas largas e um grande sorriso estampado no rosto. Na misericórdia se manifesta a onipotência de Deus (cf. EG 37). Nela, Deus se faz pequeno como no presépio e na cruz. Os que seguem no cortejo da Misericórdia são os que pertencem à Vida Religiosa, nesse seu ano jubilar, para reviver a “ventania do Espírito Santo sobre toda a Igreja” (CA 1b) e o mundo.

Como uma espécie de corrimão para descrever essas tarefas de fidelidade, conversão, transformação e transfiguração embutidas no magistério do Papa Francisco, os organizadores deste evento me indicaram duas Cartas da “Congregação para a Vida Consagrada e Apostólica”, que procuram orientar esse “Ano Jubilar da Vida Consagrada”: uma, a *Perscrutai*, para perscrutar a memória (EG 13; PER 1d, i; 4d; 5d, l; 6c; 16e; 18c), e a outra, a *Alegrai-vos*, paradoxalmente mais marcada pela “inquietação da procura” (4i, k; 5i; 11b; 12g, k, l, o) que pela alegria do encontro. Ambas as cartas, a *Perscrutai* e a *Alegrai-vos*, não desviarão nosso olhar do *kairós* profético, iniciado com calor latino-americano pelo próprio Papa Francisco.

Itinerário da “Vida Consagrada” durante e após o Vaticano II

No mundo que sofre o “Alzheimer espiritual”, que o faz esquecer Deus, “é importante ‘ter o costume de pedir a graça da memória do caminho que o povo de Deus fez’, e a graça também da ‘memória pessoal: o que Deus fez

comigo na minha vida, como me fez caminhar?” (PER 18c). Na memória da Vida Religiosa intercongregacional, “o Concílio Vaticano II emerge como acontecimento de importância absoluta” (PER 1d).

A “ventania do Espírito” e a “simpatia pelo mundo que gera um diálogo novo” (PER 4b) são razões suficientes para perscrutar, num primeiro passo, a origem dessa “ventania” espiritual do Vaticano II, sobretudo no “Decreto *Perfectae caritatis* sobre a atualização dos religiosos e das religiosas”. O título do Decreto indica seu objetivo: perscrutar com as lentes do *aggiornamento* do Concílio a Vida Religiosa no horizonte dos pressupostos exigentes da “caridade perfeita”.

Antes de ser promulgado pelo Papa Paulo VI, no dia 28 de outubro de 1965, o “Decreto *Perfectae caritatis* sobre a atualização dos religiosos” perpassou a longa peregrinação por cinco propostas que precederam ao texto final. O *Perfectae caritatis* teve a sorte de quase todos os documentos conciliares. No início, um texto relativamente longo, teve de ser drasticamente reduzido por ordem da “Congregação de Coordenação” do Concílio, para ser, antes da votação final, novamente enriquecido com as contribuições das discussões nas respectivas Congregações Gerais da aula conciliar.³

Durante a última sessão do Concílio, no dia 16 de setembro de 1965, o novo texto foi entregue aos Padres Conciliares (cf. KLOPPENBURG, vol. V., p. 369-372) e prosseguiu com muitos acréscimos. Finalmente, no dia 11 de outubro de 1965, a 146ª Congregação Geral, numa votação global, aprovou o texto com grande maioria (2.126 x 13 votos). Na Sessão Pública de 28 de outubro de 1965, o “Decreto *Perfectae caritatis* sobre a atualização dos religiosos” recebeu a aprovação definitiva com 2.321 votos contra 4.

Em 25 capítulos, o “Decreto sobre a atualização dos religiosos” contém os indicativos mais importantes para a “Vida Consagrada” que até hoje não perderam a sua validade. Religiosos e religiosas devem, segundo o Decreto,

- “seguir a Cristo com maior liberdade, e imitá-lo mais de perto” (PC 1b; cf. 2a; VC 72a);

3 Cf. o andamento pormenorizado do “Decreto *Perfectae caritatis*” durante o Vaticano II, na publicação da CRB sobre o Congresso, onde o texto integral da Conferência foi publicado.

- atender aos “chamados à prática dos conselhos evangélicos” (PC 1c, 2e);
- viver a “Vida Consagrada a Deus” na diversidade de seus carismas e denominações (cf. 1b);
- retornar “às fontes de toda vida cristã e à inspiração primitiva e original dos institutos” (PC 2a), observando que os fundadores colocaram o Evangelho acima da própria regra de seus institutos;
- acomodar-se às necessidades materiais do ministério, que exercem, e “às circunstâncias de tempos e lugares” (PC 17);
- discernir entre as tentações do conformismo ao mundo e do enclausuramento nas próprias casas;
- atualizar-se permanentemente para servir melhor à Igreja (PC cf. 2c), pois a renovação das ordens e institutos faz parte da renovação da própria Igreja, considerando que servir à Igreja e ao seu tempo exige o conhecimento concreto das condições de vida do povo (cf. GS 4);
- empenhar-se “conforme as forças e segundo o gênero da própria vocação [...] na implantação e fortalecimento do Reino de Cristo nas almas, bem como na sua dilatação por todas as partes” (LG 44b), tendo em vista que “a missão é essencial para cada Instituto [...]. A pessoa consagrada está ‘em missão’” (VC 72a.c), diria João Paulo II mais tarde.

Em sua Carta Apostólica por ocasião da inauguração do “Ano da Vida Consagrada”, Francisco resumiu a importância do evento conciliar para a Vida Consagrada: “Graças ao Concílio, de fato, a Vida Consagrada empreendeu um fecundo caminho de renovação, o qual, com as suas luzes e sombras, foi um tempo de graça, marcado pela presença do Espírito” (CA 1d) e, segundo João Paulo II, pela “fidelidade dinâmica à própria missão” (VC 37).

Desde a “Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata*” (1996), de João Paulo II, a terminologia oficial da Igreja já não fala mais de “religiosos” ou “religiosas”, mas da “Vida

Consagrada”, que incorpora os movimentos na “diversidade das formas de Vida Consagrada”, na qual, segundo a interpretação oficial no *L’Osservatore Romano*, “os religiosos representam apenas uma [de] sua forma particular, e é necessário promover todas as formas inspiradas pelo Espírito Santo” (GALOT). Na época, João Paulo II abriu as portas da Igreja para os movimentos: “Historicamente poderá haver uma sucessiva variedade de formas, mas não mudará a substância de uma opção que se exprime na radicalidade do dom de si mesmo por amor do Senhor Jesus e, nele, por amor de cada membro da família humana” (VC b).

O papel essencial da “Vida Consagrada”, sua identidade, deve ser considerado à luz do mistério da encarnação (cf. GALOT). A nova terminologia “Vida Consagrada”, como foi dito na época, expressa melhor a dimensão da encarnação no mundo: Cristo não é apenas aquele que chama na diversidade do Espírito Santo ao seguimento. É também e antes de tudo “Aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo” (Jo 10,36): “A proximidade e o encontro, [são] duas modalidades através das quais Deus mesmo se revelou na história até a Encarnação” (ALE, 10f).

Com a passagem da “Perfeita Caridade” para a “Vida Consagrada”, o magistério não reivindicou novamente aquilo que o Concílio corrigiu – a “perfeita caridade como privilégio da Vida Consagrada” –, mas preparou o caminho para corrigir uma lacuna. Em nenhum documento do Vaticano II a “Vida Consagrada” é especificamente qualificada como profética ou martirial. Segundo a *Lumen gentium*, o conjunto do “Povo santo de Deus participa também do múnus profético de Cristo, pela difusão do seu testemunho” (LG 12a). A LG coloca a Vida Consagrada como caminho específico na Igreja (LG 43-47), num parêntese entre a “vocação universal à santidade na Igreja” (LG 39-42) e a “índole escatológica” (LG 48-51) do povo de Deus. Dessa maneira, o Concílio aproxima a Vida Religiosa à vida cristã de todo o povo de Deus, que é messiânico (LG 9b), profético (LG 12a) e sacerdotal (LG 10b)

A caracterização da “Vida Consagrada” como “sinal profético” é um fenômeno do tempo pós-conciliar latino-americano. Deve ser compreendido como consequência do testemunho de tantas religiosas e tantos religiosos no continente latino-americano que, na esteira de Medellín, levantaram a sua voz pela causa do Reino. Profetas contextualizam a Palavra de Deus nos ombros dos apóstolos. O documento “Religiosos e promoção humana”, da então chamada “Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares”, de 12 de agosto de 1980, fala pela primeira vez oficialmente do “caráter profético” (RP 4) e do “sinal profético da Vida Religiosa” (RP 24). A “Vida Consagrada” já mostrou antes e depois do reconhecimento oficial seu caráter profético.

Na entrevista com o jesuíta Antônio Spadaro, em 19 de agosto de 2013, à pergunta sobre o lugar dos religiosos e religiosas hoje, o Papa Francisco respondeu enfaticamente: “Os religiosos são profetas. [...] Na Igreja, os religiosos são chamados em particular a ser profetas que testemunham como Jesus viveu nesta terra e que anunciam como o Reino de Deus será na sua perfeição. Um religioso nunca deve renunciar à profecia” (FRANCISCO, p. 23). A profecia não facilitou a “Vida Religiosa Consagrada”. Ao contrário, a questionou radicalmente em sua coerência com a Palavra de Deus e sua relevância para todos os sobreviventes da grande aflição (cf. Ap 7,14).

Aproximação da “Vida Consagrada” ao mundo secular

“Desde os primórdios da Igreja homens e mulheres [...] se propuseram, pela prática dos conselhos evangélicos, seguir a Cristo com maior liberdade” (PC 1b) e viver “mais de perto” o mundo secular. Que Igreja era essa à qual a “Vida Consagrada” pretendia servir melhor? Uma Igreja que olhou na sua liturgia para a parede, na sua teologia para o Catecismo Romano e em sua pastoral para as elites, deu no Concílio uma meia-volta *versus populum*. Essa “virada popular” exigiu que a Igreja e a “Vida Consagrada” dirigissem seus olhares em

direção à macroestrutura da modernidade e às microestruturas dos contextos vivenciais dos povos. Nestes, encontraram os que foram vítimas de elementos dessa modernidade: os pobres e suas lutas pela redistribuição dos bens, e os outros, em busca do reconhecimento de sua alteridade.

O Concílio nomeou essa busca de proximidade com algumas palavras balbuciantes, como “*aggiornamento*” e “adaptação” (SC 37s; GS 514), “autonomia da realidade terrestre” (GS 36; 56) e da cultura, “sinais dos tempos” (GS 4a; 11; PER 5a.b.c) e “diálogo” (ChD 13b; UR 4; ES, 34-68), “encarnação” e “solidariedade” (GS 32). Mais tarde, sobretudo na América Latina, essas palavras programáticas foram traduzidas como “opção pelos pobres” e “libertação” ou como passagem de uma teologia dedutiva a uma teologia indutiva. As palavras-chave dessa teologia indutiva, que constrói seu argumento a partir da realidade concreta (cf. GS 62,2), foram: “libertação” e “opção pelos pobres” (Medellín, 1968), “participação”, “assunção” e “comunidades de base” (Puebla, 1979), “inserção” e “inculturação” (Santo Domingo, 1992), “missão”, “testemunho” e “serviço” de uma Igreja samaritana e advogada da justiça e dos pobres (Aparecida, 2007).

O *aggiornamento* macroestrutural ao mundo moderno não afasta a Vida Religiosa dos contextos microestruturais em que estão inseridos os pobres e os outros. Pelo contrário, a modernidade disponibiliza os instrumentos em defesa da causa dos pobres e dos outros: autonomia e autodeterminação, universalidade de causas e subjetividade das pessoas, organização de lutas sociais e participação democrática, tolerância em face do outro e reconhecimento de sua alteridade. Algumas vezes, a “Vida Consagrada” correu atrás dessas propostas, como o cachorro que caiu da mudança.

Como inserir e viver na dinâmica histórica da cultura contemporânea e nas culturas tradicionais o seguimento despojado, os conselhos evangélicos e o retorno às fontes fundacionais? Como discernir entre a conformação alienante e a adaptação superficial ao mundo da inserção exigido pelo seguimento de Jesus? Como encontrar novas linguagens,

menos conceituais e comunicáveis em contextos vivenciais? Quantas vezes confundimos as representações de Deus e as fórmulas da fé, que são apenas indicadores da verdade, com a própria verdade?

Palavras como “encarnação”, “inserção” e “inculturação” na microrrealidade dos pobres são acopladas à macrorrealidade, e ambas têm sua raiz profunda no mistério da criação, na “realidade fundante” de Deus. Autonomia significa rejeição a qualquer forma de tutela, submissão ou colonização. A proximidade do pastor significa proteção às “ovelhas”, opção pelos pobres e pelos outros e não suspensão de sua liberdade. A tarefa fundamental da missão da “Vida Consagrada” é o favorecimento de um processo que torne as pessoas adultas, sem abandoná-las à liberdade do mercado e sem suprimir a solidariedade, numa sociedade marcada por desigualdade estrutural e negação de solidariedade. O *aggiornamento* pastoral visa à assunção dos múltiplos contextos socioculturais com responsabilidade adulta.

A “Vida Consagrada” encarnada no mundo secular, que encontra sua inspiração imperativa no seguimento de Jesus “mais de perto”, cobra-nos em tudo mais: um hábito e hábitos religiosos mais simples, modestos e pobres (PC 17), nos cobra a “perfeita caridade” como justiça maior e o amor maior.

Do *aggiornamento* ao processo

Entre as múltiplas “provocações de Papa Francisco” lembradas pela *Perscrutai*, encontra-se o imperativo bergogliano: “Não perder nunca o ímpeto de caminhar pelos caminhos do mundo (...) também com passo incerto ou mancando, é sempre melhor do que estar parado, fechado (...) nas suas perguntas ou nas suas seguranças” (PER 18e). O Vaticano II chamou esse “ímpeto de caminhar pelos caminhos do mundo” de *aggiornamento*. Em vez de *aggiornamento*, mas em continuidade com o significado desse paradigma, o Papa Francisco fala de “processos” que representam um *aggiornamento* permanente e a longo prazo: A Vida Consagrada “acompanha a humanidade em todos

os seus processos, por mais duros e demorados que sejam” (EG 24, cf. SUESS, p. 144ss).

Os processos são acompanhados pelos “peregrinos vigilantes”, que colaboram, no dizer da *Perscrutai*, “nas tarefas mais diversas no signo da proximidade cristã, envolvidos no processo histórico em ato” (PER 5d). O “signo da proximidade” desencadeou nas Constituições dos Institutos “um processo que alterou equilíbrios de longa data, mudou práticas obsoletas da tradição, enquanto releu com novas hermenêuticas os patrimônios espirituais”. E a Congregação Romana, falando de si mesma com pitadas de autorreferencialidade, acrescenta: “A Igreja não parou o processo, mas o acompanhou com um magistério pontual e uma sábia vigilância, declinando, no primado da vida espiritual [...]” (PER 5k). Nós, da América Latina, discordamos de certos excessos dessa “sábia vigilância”, que nos causou sofrimentos por causa da nossa proximidade aos pobres e lealdade eclesial.

O “Ano da Vida Consagrada” foi proclamado para tirar o Vaticano II da recepção morna de hoje. Também a Vida Consagrada só será capaz de guardar seu “núcleo identitário” se o guarda como núcleo histórico que no Vaticano II recebeu impulsos imprescindíveis para manter-se viva como voz profética e “reserva do futuro”.

Em muitas oportunidades, quando o Papa Francisco faz a leitura da Boa-Nova como “Evangelho da Misericórdia” (EG 188; cf. SUESS, p. 122ss) e “revolução de ternura” (EG 88; cf. ALE, n. 9; SUESS, p. 158ss), ele recorre ao Vaticano II e seu realizador pós-conciliar, o Papa Paulo VI. A retomada radical do Concílio faz o Papa Francisco viver hoje, como na época João XXIII, numa grande solidão institucional. Uns o consideram um pouco fora da curva, e outros, como um acidente de percurso. A máquina procura frear o maquinista e “estruturar teologicamente” seu pensamento.

Nas entrelinhas, o Papa pede socorro: “Vocês da Vida Consagrada são os protagonistas da conversão da própria Igreja muitas vezes sem saída, para uma ‘Igreja em saída’” (EG 20ss; PER 1a, 11b). A saída exige “prudência e audácia”

(EG 47), “coragem” (EG 33, 167, 194) e “ousadia” (EG 85, 129). Gente, “ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa” (EG 24)! Parece que Francisco vê a Igreja cercada por ladrões. Assim, ele formula sete imperativos antirroubo aos “peregrinos vigilantes” da “Vida Consagrada”:

- “Não deixemos que roubem nosso entusiasmo missionário!” (EG 80).
- “Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!” (EG 83).
- “Não deixemos que nos roubem a esperança!” (EG 86).
- “Não deixemos que nos roubem a comunidade!” (EG 92).
- “Não deixemos que nos roubem o Evangelho!” (EG 97).
- “Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno!” (EG 101).
- “Não deixemos que nos roubem a força missionária!” (EG 109).

Francisco precisa do povo da “Vida Consagrada” para dar continuidade aos impulsos essenciais do projeto do Vaticano II. Cinquenta anos mais tarde, na Igreja que abre o portal do Ano da Misericórdia, “reconhecemos a nossa identidade mais profunda” (PER, 51): liberdade e solidariedade, liberdade na porta aberta que nos impulsiona para a solidariedade na periferia.

Francisco, o condor latino-americano, antes de voar para a Europa, abriu as gaiolas e pediu aos aprisionados que saíssem e reaprendessem a voar, corajosamente. Depois voou para Roma, não para depenar a águia envelhecida ou afugentar os morcegos do Vaticano, mas para convidar as pombas das praças romanas, as gaivotas de Lampedusa, os canários da terra de Anchieta, os sabiás do Brasil, os urubus dos lixões e os pardais das ruas do mundo inteiro para ensaiar uma coreografia de voo livre. “Não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito” (EG 280). Como dissemos: liberdade na porta aberta para poder ser solidário na periferia.

O Papa resume sua eclesiologia com palavras simples: “Vejo com clareza que aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha” (FRANCISCO, p. 19). Os místicos são os militantes nessa batalha e os militantes são socorristas numa guerra que não acabou. A Igreja não abre as portas do Ano Santo para esperar o mundo no seu portal, mas para ir com fidelidade e coragem ao encontro do mundo e suas periferias, de onde Francisco veio. “Não é preciso levar a fronteira para casa, mas viver na fronteira e ser audazes” (FRANCISCO, p. 34; ALE 11f). Fidelidade e coragem nascem, renascem e se sustentam reciprocamente no signo da misericórdia! Nele, também a “Vida Consagrada”, tantas vezes declarada moribunda e sem futuro, um ou mais anos debaixo da terra, pode renascer, e de fato renasce, como a cigarra, cantando ao sol.

Termino com a canção de Mercedes Sosa: “Como la Cigarra”.

“Tantas veces me mataron,
tantas veces me morí,
sin embargo estoy aquí
resucitando.

Gracias doy a la desgracia
y a la mano con puñal,
porque me mató tan mal,
y seguí cantando.

(...)

Cantando al sol,
como la cigarra,
después de un año
bajo la tierra,
igual que sobreviviente
que vuelve de la guerra.

Referências bibliográficas

677

ALEGRAI-VOS (ALE). Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e às Sociedades de Vida Apostólica. Carta Circular aos consagrados e às consagradas do magistério do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2015.

CARTA APOSTÓLICA (CA) do Papa Francisco às pessoas consagradas em ocasião do ano da Vida Consagrada. São Paulo: Paulinas, 2014.

CHRISTUS DOMINUS (ChD). Decreto sobre o múnus pastoral

UNITATIS REDINTEGRATIO (UR). Decreto sobre o Ecumenismo (21.11.1964).

VITA CONSECRATA (VC). Exortação Apostólica pós-sinodal de João Paulo II, sobre a Vida Consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo, 1996.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como viver nesse projeto de uma “Igreja em saída” o carisma de cada comunidade de Vida Consagrada e Apostólica, um carisma que se propõe a “seguir Cristo ‘mais de perto’” (PC 1b) e que “se torna missão” (VC 72a), segundo a vontade de Deus e as necessidades do mundo e na unidade do Espírito Santo?
2. É possível quebrar o dualismo mística e profecia? Como ser místico e profeta neste projeto de uma “Igreja em saída”?
3. O autor termina o texto citando Mercedes Sosa. A música e a poesia podem ajudar a VRC a se tornar mais sensível à realidade que clama pela vida plena?

Teologia que dinamizou a Vida Religiosa Consagrada no Brasil, a partir do Concílio Vaticano II

IVALDA MILAK, FDZ*

A celebração dos cinquenta anos do Concílio Vaticano II nos convida a contemplar o caminho percorrido sob a influência dos ventos do Espírito que renovam a Igreja. Contemplar a ação do Espírito, que sopra onde quer (cf. Jo 3,8), é reconhecer a dádiva de Deus que recria todas as coisas. Não o vemos, mas podemos perceber seu movimento na trama da vida (cf. Rm 8,22). Também a Vida Religiosa Consagrada se encontra imersa nessa teodiceia. Em cada tempo e lugar busca revelar a beleza da primazia de Deus na vida humana. Vamos caminhar com a VRC na realidade brasileira e destacar a reflexão teológica que a ilumina a partir do Concílio Vaticano II.

Do descobrimento à cristandade, o contexto da virada conciliar

De acordo com a história, os religiosos se estabelecem no Brasil antes da Igreja hierárquica e realizam um apostolado amplo e pluriforme. Apesar das vicissitudes e ambiguidades da história, construíram um espaço de profecia e liberdade evangélica.

Em tempos de cristandade e colonização, a partir de 1549 oficializa-se a vinda dos religiosos ao Brasil com a chegada dos Jesuítas, como *missionários da Coroa*. Depois deles, outras ordens masculinas se estabelecem na Terra de Santa Cruz. A expulsão dos jesuítas (1759) deflagra uma crise que atinge toda a VR. O iluminismo critica os dogmas e, no campo político, coloca-se a questão da independência do Brasil.¹

* **Nivalda Milak**, religiosa da Congregação das Filhas do Divino Zelo (FDZ), é licenciada em pedagogia e mestra em Teologia sistemático-pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). **Endereço da autora:** Rua Florianópolis, 1560 – Jacarepaguá – CEP 21321-050 – Rio de Janeiro-RJ. **E-mail:** nivaldami-lak@hotmail.com.

1 Cf. CAVALCANTE, Tereza. A Palavra nutre o sonho. In: *O lugar da Palavra de Deus na Vida Religiosa Consagrada*. CRB, 2007. p. 85.

A cristandade e o projeto colonial entram em crise. Questiona-se a cosmovisão sacral da cristandade colonial, com reflexos nas concepções teológicas e filosóficas. O clero liberal rejeita a sacralidade de uma sociedade que serve a Coroa ao lado de um episcopado conservador e reacionário. Enquanto a crise aumenta o controle da Coroa sobre os religiosos, a VR popular (leiga) se desenvolve nos eremitérios, irmandades e ordens terceiras, instituições e movimentos femininos, inseridos na realidade.

A política imperial extingue as antigas Ordens e amplia a presença da VR ativa, favorecida pelo processo de *romanização*.² Com papéis sociais muito valorizados, atrai muitas vocações, como forma de realização religiosa e humana, numa sociedade em que o papel da mulher era bastante limitado.³

No contexto do Concílio Vaticano II, a VRC se mostra sensível ao movimento de *aggiornamento*, marcado pela renovação litúrgica, teológica, bíblica, pastoral e social. As congregações femininas assumem posição de vanguarda no movimento de renovação pastoral e reestruturam as suas atividades com os planos de pastoral emergentes.

A emergência de uma teologia genuinamente brasileira

Diante das novas configurações socioculturais e econômicas, as respostas eclesiais não podem mais basear-se na visão eurocêntrica da realidade. O conteúdo da reflexão teológica não contempla a realidade eclesial brasileira. Nem a Igreja nem a teologia constituem realidades-fonte, mas realidades-espelho.⁴ Não importava pensar a fé, apenas expandi-la com o Império. Um cristianismo colonizador estava acompanhado de uma teologia colonial. No final da década de 1960 seu caráter mimético cede lugar para uma teologia mais original, produzida a partir do chão da própria realidade.⁵

A teologia, *eco da voz dos outros*,⁶ toma consciência da identidade do povo e busca responder às inquietações colocadas pela história com uma adequada reflexão teológica. Tocada

2 refere-se ao esforço de Roma e dos bispos, no período de 1840 a 1962, para tornar o catolicismo brasileiro menos leigo, menos popular e menos familiar, tornando-o mais clerical, sacramental e doutrinário, antiliberal e tridentino.

3 Cf. CAVALCANTE, Tereza. Op. cit., p. 88.

4 Cf. BOFF, Leonardo. Dez anos de teologia na CRB. In:

, CRB, 1982, p. 15.

5 Cf. FREITAS, Maria Carmelita de. Primórdios e alicerces. In: VALLE, Edênio (org.).

: as lições de uma caminhada de 50 anos. CRB, 1954-2004. CRB, 2004, p. 22.

6 Cf. BOFF, Leonardo. Op. cit., p. 17.

pelos ventos impetuosos do Concílio, essa Igreja entra em um processo sem precedentes de mudanças na sua autocompreensão, na sua relação com o mundo moderno e com a sociedade brasileira.⁷

A trajetória evidencia uma experiência eclesial que tece uma teologia *autóctone*, comprometida e desafiada pela realidade dos pobres. A criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1955, foi uma resposta coletiva ao desafio nacional, que propicia uma Pastoral de Conjunto e o despertar de uma consciência eclesial brasileira, ao lado de uma forte coesão episcopal.⁸

Da necessidade de iluminação teórica para as práticas eclesiais, surge uma reflexão brasileira que alimenta a fé, mantém viva a esperança e compromete o amor na libertação. A originalidade dessa teologia reside na correlação entre a vida e a teologia, entre a prática eclesial e a reflexão teórica,⁹ expressão de sua encarnação na realidade, sem prejuízo de sua universalidade.

A Vida Religiosa Consagrada no Brasil se organiza e se renova

O novo enfoque eclesiológico, a percepção mais aberta da missão da Igreja e sua relação com o mundo, a teologia da secularização, a ênfase na teologia do laicato, a questão da Igreja particular, a preocupação com a Pastoral de Conjunto, as grandes linhas da teologia renovada, o dinamismo da Igreja no Brasil, os movimentos eclesiais e a fundação da CNBB, favorecem a renovação da VR.

A *Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica* incentivam a criação de um organismo, em âmbito nacional, para promover a união e a colaboração entre os Institutos e Congregações no exercício do apostolado. A ideia se fortalece com a fundação da CNBB e a realização do Congresso dos Religiosos, realizado em Roma, em 1950, em vista do *aggiornamento* da VR.

7 Cf. CALIMAM, Cleto. Sob o signo do Concílio Vaticano II. In: VALLE, Edênio (org.). Op. cit., p. 53.

8 Cf. BOFF, Leonardo. Op. cit., p. 19.

9 Cf. *ibid.*, p. 20.

O primeiro Congresso Nacional dos Religiosos do Brasil, realizado nos dias 7 a 13 de fevereiro de 1954, no Rio de Janeiro, define passos para a *atualização da VR e a organização do seu apostolado*. Durante o evento, no dia 11 de fevereiro de 1954 nasce a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), como organismo de promoção e animação da VRC e instrumento de coordenação de atividades intercongregacionais.¹⁰

No início os esforços se concentram na organização interna e estrutural e na superação do isolamento dos institutos. A reflexão teológica e pastoral, a explicitação da espiritualidade e da mística, como a opção pelos pobres, ainda não têm grande expressão.

A revista *Convergência* começa a circular em julho de 1955. *A Vida Religiosa no Brasil de Hoje é* o título do primeiro texto teológico que incorpora as principais teses teológicas e eclesiológicas do Concílio Vaticano II, publicado em 1968.

Desde a promulgação do Código de Direito Canônico de 1917, a VR se encontra fortemente centralizada e enquadrada numa legislação que não permite novidades. Nos conventos reina um ambiente sacral que a separa do mundo.

Na década de 1950, as mudanças sociais, eclesiais e o engajamento da VR nos movimentos renovadores possibilitam a descoberta de um novo modo de estar e atuar na Igreja e na sociedade, de refletir e produzir teologia, de relacionar-se para além dos próprios institutos. Rupturas e avanços vão para além da troca das vestes medievais por trajes simples. A renovação mobilizou pessoas e comunidades mais expostas às tensões sociais e eclesiais, mais sensíveis aos sinais dos tempos, mais sintonizadas com os grupos renovadores eclesiais, mais afetadas pelas novas situações históricas e seus desafios.¹¹

A Vida Religiosa Consagrada no contexto conciliar

A primeira Assembleia da CRB (1955) reflete sobre a *colaboração entre religiosos/as na paróquia e na diocese*, os vários ministérios e as missões populares. As atividades

10 Cf. CALIMAM, Cleto. Op. cit., p. 61.

11 Cf. FREITAS, Maria Carmelita de.

se concentram na revitalização da VRC em uma Igreja também em renovação.

A partir de 1960 consolida-se a consciência eclesial e pastoral da VRC. Um salto qualitativo de maior alcance abre os institutos religiosos a uma compreensão maior de sua estreita vinculação com a Igreja universal e, em particular, com a Igreja local. Cresce a participação da VRC na Pastoral de Conjunto e no *Plano de Emergência*.¹²

O *aprimoramento e a colaboração dos religiosos/as com o apostolado da hierarquia*, tema da Assembleia de 1962, mobiliza a participação no *Movimento de Natal*,¹³ que evolui para o Movimento de Educação de Base.¹⁴ Na linha da inserção na Igreja local situa-se a experiência pastoral da *Nísia floresta*,¹⁵ a *Ação Católica*¹⁶ e o *Movimento por um Mundo Melhor*.¹⁷

A VRC descobre as raízes eclesiais de sua vocação, sua pertença ao Povo de Deus e a nova maneira de entender a missão. O anúncio do Evangelho não exige uma *eclesiastificação* do mundo, mas um assumir o mundo e empenhar-se na sua evangelização; não é mais possível continuar numa *ecclesiola*, dentro da *ecclesia*, voltada para os problemas internos.¹⁸ Aos poucos fica claro que não basta inserir-se na Igreja, é preciso fazer-se sensível à vida e às esperanças do povo.

A VRC se percebe atrasada e experimenta a urgência do *aggiornamento*. A nova consciência eclesial, a adaptação aos novos tempos e a nova compreensão da missão são pressupostos teológicos refletidos e assumidos na Assembleia de 1965.

Para melhor coordenar e articular a VRC, a CRB cria departamentos e grupos de reflexão que estudam as questões pertinentes ao *aggiornamento*; cria serviços em vista da mútua colaboração e se estrutura em regionais. As mudanças suscitam esperanças, mas também preocupações, tensões, incertezas e crises.

A renovação da VRC exige adaptação às condições de tempos e lugares, que lhe permita um diálogo prudente, inteligível e sem ambiguidades com o mundo a que serve. Na ação apostólica abre os olhos e o coração aos

12 Em 1962, no Rio Grande do Norte, nasce o primeiro Plano de Pastoral do Brasil, chamado *Plano de Emergência* (1962-1965), em vista da renovação paroquial, da recuperação do ministério sacerdotal, da renovação da Educação Católica e da Pastoral de Conjunto.

13 *Movimento de Natal* refere-se ao conjunto de ações, realizadas pela Diocese de Natal, para responder à problemática agravada com a ocupação pelas tropas americanas durante a Segunda Guerra Mundial.

14 *Movimento de Educação de Base* (MEB) refere-se às Escolas Radiofônicas de grande alcance.

15 *Nísia Floresta* diz da experiência-piloto de religiosas engajadas na pastoral paroquial e popular, numa linha de suplência do ministro ordenado e no espírito do *Plano de Emergência*, no início da década de 1960.

necessitados, dando preferência aos que o Senhor veio evangelizar, os pobres e os doentes.¹⁹

Um novo Pentecostes

A VRC acolhe e celebra a riqueza conciliar como um *novo Pentecostes*. O Decreto *Perfectae Caritates* trata especificamente da atualização da VR. As intuições do Concílio constituem a linha-mestra da renovação da VRC no Brasil, que se dá em níveis diversos, tanto no momento da *interpretação* quanto no momento da *recepção*.

A interpretação exige uma hermenêutica fiel ao Concílio, à sua intenção, ao método e ao caráter de transição. Ele não pode ser considerado um evento transcendente consumado pelo poder do Espírito, mas um evento no *tempo* que sofre influência do processo histórico.²⁰ O *lugar* onde se dá a recepção ganha importância. As Igrejas da periferia do mundo adquirem rosto próprio, identificam as causas da miséria e mobilizam o povo para a transformação das relações de injustiça estrutural.

A *recepção* se dá pela assimilação criativa que vai formando uma nova identidade histórica. A situação dentro da qual se faz a leitura, imprime marca na própria recepção.²¹ O Concílio é visto como um novo começo da Igreja, mas os processos históricos e eclesiais determinam a velocidade, a profundidade e a abrangência dessa renovação.

Nesse processo de mudança, a Igreja do Brasil amplia sua visão da realidade, articula uma evangelização libertadora a partir da opção preferencial pelos pobres. Neste contexto, com novos olhos para a realidade, a VRC se compreende de um modo novo na sociedade, na Igreja e diante de Deus.²²

Itinerário teológico que fecunda a Vida Religiosa Consagrada pós-Conciliar

A nova reflexão teológica surge nos espaços acadêmicos, mas também lá onde se vive a fé. A CRB é um desses lugares por excelência. Através da Equipe de Reflexão Teológica

16 A *Ação Católica* promovia uma ação organizada e crítica do laicato como nova forma de presença da Igreja na sociedade.

17 O *Movimento por um Mundo Melhor* visava dinamizar as obras pastorais existentes, como também despertar novas iniciativas na linha da unidade.

18 Cf. FREITAS, Maria Carmelita de. Op. cit., p. 45.

19 Cf. FREITAS, Maria Carmelita de. *Primórdios e aliceres*, p. 47-48.

20 Cf. CALIMAM, Cleto. *O Concílio Vaticano II e a Vida Religiosa no Brasil: uma recepção criativa*. CRB, 1988, p. 18-19.

21 Cf. *ibid.*, p. 17.

22 Cf. *ibid.*, p. 21.

(ERT), criada em 1971, se debruça sobre as questões emergentes. Destacamos a seguir as principais tendências, nascidas das orientações conciliares no confronto com a realidade eclesial e social brasileiras.

A Assembleia de 1968 reflete sobre a *Vida Religiosa no Brasil*, sistematiza as experiências de *aggiornamento*, evidencia o entusiasmo dos primeiros momentos, a descoberta do mundo e da realidade do povo, fundamental na sua autocompreensão.

A teologia do Vaticano II se articula em torno do tema *mundo*, que dá origem à *teologia da secularização*,²³ e do tema *Igreja*, que dá origem à teologia e à pastoral da Igreja local. Medellín, ao relacionar *mundo* ao submundo dos pobres, articula o diálogo entre fé e justiça social, Evangelho e libertação dos pobres, Igreja e sociedade capitalista.

A IX Assembleia (1971) concentra-se na *Vida Religiosa e a secularização*, *Vida Religiosa e testemunho público*, *Vida Religiosa e Igreja local*, *Vida Religiosa e fé*. A VRC busca compreender sua presença no mundo secular, na Igreja local e na Pastoral de Conjunto, não como mera suplência, mas a partir do próprio carisma.

A secularização desafia a teologia. Se o que define o caráter teológico de uma sociedade não é a confissão da fé, mas a prática dos valores cristãos, a teologia da secularização é algo que se deve incorporar e ultrapassar na direção de um pensamento mais concreto sobre o mundo das grandes maiorias pobres e oprimidas.²⁴

A VRC expressa a radicalidade de sua experiência de Deus, de sua vivência fraterna e de sua missão em constante referência à Igreja e à sociedade onde é chamada a viver seu carisma.²⁵ Faz a experiência do êxodo em direção à Igreja local e ao mundo dos pobres, caracterizado pela *volta às fontes* e pela busca de um lugar que lhe dá consistência profética, inserção participativa e solidária na vida do povo de Deus. O movimento conciliar se desenvolve em três direções: a inserção na Igreja local, o encontro com o mundo moderno e a descoberta do submundo dos pobres.²⁶ A VRC troca de lugar social, abre-se para a ótica dos pobres, oprimidos e excluídos.²⁷

23 A teologia da secularização identifica a verdade teológica das realidades que são boas e legitimamente autônomas, para além da consciência religiosa, pois o Espírito Santo age para além dos limites eclesiais.

24 Cf. BOFF, Leonardo.

, p. 25.

25 Cf. CALIMAM, Cleto.

p. 22.

26 Cf. CAVALCANTE, Tereza.

, p. 93.

27 Cf. *ibid.*, p. 98.

Ante o mundo secular, insere-se no mundo do trabalho e na sociedade. Despoja-se dos símbolos religiosos, enriquece-se da linguagem e dos hábitos seculares, busca ser sinal do Reino de Deus, oculto na sociedade pragmática e secular.

Diante da Igreja local, que valoriza todos os carismas e serviços, passa a ser presença ativa na Pastoral de Conjunto. O carisma congregacional é carisma dado à Igreja. A VRC não é chamada a fazer nenhuma suplência, mas, a partir de seu carisma, torna presente o Absoluto de Deus e a destinação escatológica de todos os cristãos.²⁸

Os desafios lançados pelo mundo e pela Igreja questionam a natureza e a identidade da VRC, compreendida como densificação, tematização e explicitação comunitária daquilo que todos os batizados participam no sentido da experiência de Deus, no seguimento de Jesus Cristo vivido em fraternidade.²⁹ A consagração religiosa não é apenas uma reserva a Deus, mas um envio de Deus para a humanidade. Deus tira do mundo para atirar mais profundamente no mundo.³⁰ A VRC, como *estado de perfeição*, agora se vê no caminho do seguimento de Jesus Cristo como povo de Deus.

No contexto das grandes mudanças na teologia da América Latina, do Sínodo sobre *a Evangelização no mundo de hoje*, da ditadura militar e de uma Igreja que se abre à dimensão social da fé, a VRC redescobre a sua missão profética. A X Assembleia (1974) aprofunda sua *missão profética, como duplo exercício: interno à Igreja, radicalizando as exigências evangélicas no seguimento de Jesus Cristo, e interno à sociedade, vivendo antecipadamente uma utopia de fraternidade e de serviço*.³¹ O profetismo nasce da inserção na Igreja e na sociedade, mas também da experiência profunda de Deus vivida no meio dos pobres e da análise crítica da realidade. A experiência de Deus, assim vivida, abre a VRC para as exigências do próprio carisma no contexto histórico.³²

A inserção profética na Igreja e na sociedade revela suas contradições e ambiguidades. Na fase de preparação, assimilação e socialização de Puebla, a XI Assembleia (1977) trabalha *a realidade social e eclesial do Brasil e a presença dos Religiosos nela*, ampliando a compreensão das implicações

28 Cf. BOFF, Leonardo. Op. cit., p. 26.

29 Cf. *ibid.*, p. 26.

30 Cf. *ibid.*, p. 26.

31 Cf. CALIMAM, Cleto. *Sob o signo do Concílio Vaticano II*, p. 62.

32 Cf. *ibid.*, p. 63.

sociopolíticas e eclesiais de sua presença na sociedade e na Igreja. Uma nova maneira de viver a VRC, associada à vida do povo e à sua experiência espiritual, rompe o muro que a situava distante da própria realidade.³³ De Medellín a Puebla cresce a consciência política e a opção pela inserção que reorienta sua presença na sociedade e na Igreja. As mudanças se dão no exercício do governo, no revigoramento teológico-espiritual, no aprofundamento da vida comunitária e espiritual, na busca de novos modelos de formação e de compromisso socioeclesial.

Vive-se a experiência de rupturas com modelos de vida comunitária, caracterizada por uma tendência padronizada e niveladora das diferenças. A emergência da subjetividade é chão fecundo para uma VRC pautada pela adesão pessoal ao seguimento de Jesus Cristo.³⁴ A compreensão dos votos recebe uma interpretação positiva.

A teologia que dinamiza o *aggiornamento*

Sob o influxo da visita de João Paulo II e da Conferência de Puebla, a VRC articula sua práxis social e eclesial na XII Assembleia (1980), reafirmando a opção preferencial pelos pobres, a opção preferencial pela juventude e a inserção nos meios populares. A teologia dessa década vê na VRC inserida um modelo concreto de vida evangélica comprometida com os pobres. A *vida de oração* deve ser vivida com o povo e a partir da vida. A *vida comunitária* assume características de simplicidade e pobreza.

Puebla não hesita ao afirmar que a abertura pastoral das obras e a opção preferencial pelos pobres é a tendência mais notável da VRC latino-americana.³⁵ Porém, a opção pelos pobres passa a ser vista com desconfiança, mesmo que a inserção, exercendo grande fascínio, faça emergir uma VRC mais evangélica, pobre, solidária e mais espiritual.³⁶

Depois de um tempo fértil, rico de experiências, segue-se um tempo de retração. Não se olha para fora, para o mundo, para a missão, e sim para assuntos internos, mais de ordem disciplinar e organizativa que apostólica.³⁷

33 CALIMAM, Cleto. *O Concílio Vaticano II e a Vida Religiosa no Brasil*, p. 30.

34 Cf. ANDREATTA, Cleusa Maria. Comentário 1. In: VALLE, Edênio (org.). *Memória histórica*, p. 159.

35 Cf. LIBÂNIO, João Batista. A reflexão teológica sobre a Vida Consagrada. In: VALLE, Edênio (org.). *Op. cit.*, p. 78.

36 Cf. BOFF, Leonardo. *Dez anos de teologia na CRB*, p. 30.

37 Cf. VALLE, Edênio. Fazendo Teologia da Vida Religiosa: itinerários e contextos na caminhada de uma Igreja em movimento. In: *Horizontes de uma caminhada*. São Paulo: CRB/Loyola, 1996. p. 65.

Teme-se que as novas experiências desfigurem a identidade da VRC. Termos como inserção, opção pelos pobres, exclusão e consciência crítica continuam a ser usados, mas já não possuem a mesma densidade experiencial da década em que foram cunhados.³⁸

Nesse contexto, A XIII Assembleia (1983) reflete sobre a necessidade de *reformular suas práticas internas em função da missão*, especialmente sobre autoridade e governo, enfatizando o movimento neoconservador que ganha força. A relação entre teoria e práxis se traduz em tensão entre a teologia, a espiritualidade e o compromisso. Não se pensa a missão a partir da espiritualidade, mas a espiritualidade a partir da missão. A missão torna-se o lugar de inspiração, compreensão e interpretação da VRC.

Considera-se que a VRC se ilumina pela prática, na prática, para a prática e da prática, ou seja, a vida comprometida oferece-lhe elementos para a sua teologia e espiritualidade. Estas, por sua vez, propiciam maior clareza no compromisso. Só dentro da prática fica transparente a relação da teologia e espiritualidade com ela, além da prática corrigir possíveis distorções.³⁹

A XIV Assembleia (1986), a partir do tema: *Os profetas bíblicos interpelam a VR*, reforça a dimensão profética do exercício de sua missão inserida nos meios populares e da espiritualidade que brota da experiência de um Deus que liberta o povo. A dimensão profética representa uma tentativa de manter a dimensão carismático-profético como uma dimensão irrenunciável da consagração.⁴⁰

A XV Assembleia (1989) se detém na urgência da *nova evangelização*, interpretando-a na linha de Medellín que aponta os desafios da solidariedade, o enfrentamento do modelo sociopolítico e econômico excludente, as culturas, a libertação da mulher, a tensão entre carisma e instituição, a modernidade e a pós-modernidade.

Nesse contexto, a Conferência Latino-Americana dos Religiosos (CLAR) desenvolve o projeto *Palavra-Vida*, que reflete as opções da VRC no Continente: viver a vida

38 Cf. Idem. Encruzilhadas e passagens. In: VALLE, Edênio (org.). Op. cit., p. 145.

39 Cf. LIBÂNIO, João Batista. Op. cit., p. 81.

40 Cf. VALLE, Edênio. Op. cit., p. 145.

profética plantada na história do povo bíblico e latino-americano, lendo a Escritura em comunidade com o povo, deixando-se interpelar por ela e comprometendo-se com a missão libertadora.

Santo Domingo faz referências às disposições de *Mutuae relationes* entre a VRC e as Igrejas particulares e leva a XVI Assembleia (1992) a refletir sobre a *eclesialidade e a missão*. Estabelece-se como critérios de reinterpretação da identidade o seguimento de Jesus pobre e sua preferência pelos pobres, o dinamismo profético dos carismas específicos, a comunhão com todo o povo de Deus e com os pastores a serviço da vida, da justiça e da esperança.⁴¹

O IX Sínodo, dedicado à VRC e a sua missão na Igreja e no mundo, acentua a eclesialidade, lembrando que não há VRC fora da vida e da missão da Igreja. Portanto, é dever do episcopado reconhecer, apreciar, proteger, favorecer, promover, harmonizar e discernir o carisma da VRC.

Com a queda do socialismo e o fortalecimento do neoliberalismo, a exclusão se dá em massa. As preocupações com a *modernidade* é tema da XVII Assembleia (1995). A teologia quer desmascarar os mecanismos geradores de tanta exclusão e fomentar a criação de uma cultura da solidariedade. As questões ligadas às etnias, ao gênero e à cultura também são analisadas.

Ampliam-se os estudos sobre a negritude e os religiosos negros tomam consciência da realidade de sua identidade, desenvolvida pelo *Grupo de Reflexão sobre Vida Religiosa Consagrada Negra e Indígena (GRENI)*. Verifica-se, no entanto, que o discurso dominante na VRC não contempla a pluralidade étnica.

A questão de gênero ganha força a partir dos anos 1980, quando algumas mulheres se dedicam à reflexão teológica e instauram uma hermenêutica feminista que lê a Escritura, a Tradição e as orientações eclesiais. Prefere-se o termo gênero para indicar a relação e não a exclusividade. A teologia feminista visa, sobretudo, à promoção plena da mulher,

41 Cf. LIBÂNIO, João Batista. *A reflexão teológica sobre a Vida Consagrada*, p. 89.

pois tudo que a nega não reflete o divino ou uma relação autêntica com o divino.⁴²

Celebrando os 30 anos de Medellín, a XVIII Assembleia (1998) destaca as linhas que tecem o percurso da VRC no Brasil, como a criatividade segundo os carismas, a parceria com o laicato, a comunhão intercongregacional, a mística evangélica, a missão inculturada e a presença solidária.

A escassez vocacional aponta para as incertezas da continuidade de inúmeros projetos de evangelização e de solidariedade. Insiste-se na formalidade religiosa com prejuízo de uma relação livre e consciente do mistério de Deus que leva a viver e conviver neste mundo sob outra luz.

Cresce a participação dos leigos na vida, na oração e na missão das congregações. Estamos diante de uma perspectiva inédita que exige uma reflexão teológica. Leigos têm ajudado a reinventar a VRC.

Aprofunda-se a missão como lugar da autocrítica e da utopia, que revela desconforto com uma VRC voltada sobre si mesma, intimista, com uma vida espiritual e comunitária *ad intra* e estéril. A solidariedade com os pobres e excluídos é seu futuro e condição de *refundação* que implica transformações estruturais. Libânio lembra que a satisfação com as estruturas de VRC coesa e vigorosa indica uma incapacidade de responder aos desafios da modernidade.

A maioria dos religiosos/as, não sabendo situar-se diante da proposta de *refundação*, a compreendem como uma refundamentação para revigorar o já estabelecido. O tema da *refundação* aponta para uma volta às raízes e ao carisma fundacional. Refundar a VRC é ir fundo na busca de sua verdadeira profundidade e de sua primeira fundamentação, recolocando-a sobre seu sustentáculo originário.⁴³ Trata-se de um momento do Espírito. Segundo Comblin, cabe-nos descobrir onde o Espírito está agindo criativamente na VRC.

Olhando para a história, quando o cristianismo se acomoda, o Espírito suscita Antão e nasce a vida eremítica e monástica. Quando estas se acomodam, o Espírito suscita o movimento dos mendicantes. Quando estes também se

42 Cf. *ibid.*, p. 96.

43 Cf. *ibid.*, p. 107.

acomodam, o Espírito suscita múltiplas reformas que geram as congregações apostólicas modernas. E agora, o neoliberalismo nos envolve e já não arriscamos mais caminhar como Pedro, Paulo e Antônio. Envolvidos em coisas periféricas, esquecemos-nos de optar pela periferia para onde o Espírito nos empurra e nos aguarda.⁴⁴

Em momentos de incertezas, a XIX Assembleia (2001) traça horizontes de esperança, compromete e anima o processo de *refundação*, mediante as exortações de Jeremias e Isaías: “Há uma esperança para o teu futuro! Há setas indicando o caminho” (Jr, 31,17.21), por isso, “finca bem as estacas, desdobra a lona, estica as cordas, amplia o espaço...” (Is 54,2).

A VRC do novo milênio quer reconhecer o chão em que pisa para lançar-se à frente. A sua dimensão de provisoriidade e itinerância encontra luz nas palavras do profeta Isaías: “Finca bem as estacas, desdobra a lona, estica as cordas, amplia o espaço” (Is 54,2). Ocupada mais em construir templos que armar tendas,⁴⁵ sente-se chamada a ocupar seu lugar eclesial e social na fidelidade ao dom carismático do Espírito à Igreja.

Marcante nessa Assembleia foi a eleição da primeira mulher para a presidência da Conferência, sinal que nos fala de mudanças, de passagens significativas, até mesmo de rupturas que estão se dando no interior da Igreja e da VRC.⁴⁶

A XX Assembleia (2004) reafirma a tarefa de revigorar a fé e a audácia da profecia, perseverar no testemunho de que só Deus é absoluto e de que outro mundo é possível, reanimar a própria esperança e a esperança do povo.

A 42ª Assembleia Geral da CNBB (2004) pede para que a VRC continue sendo fiel à sua vocação profética, mostrando audácia e coragem missionária diante dos desafios do tempo marcado por tantas divisões, perplexidades, injustiças e exclusões. Pede o entusiasmo e a ação dos religiosos no Projeto Nacional de Evangelização e uma presença mais decidida em frentes missionárias no Brasil e além-fronteiras.⁴⁷

Atenta à ordem “diga a esta geração: avance” (Ex 14,15), a XXI Assembleia (2007) reflete sobre a *Vida Religiosa e*

44 Cf. CLAR. *Seguir Jesus*: leitura orante do nosso testamento 3. CLAR, 2009, p. 20.

45 Cf. CASAGRANDE, Moacir. Comentário 1. In: VALLE, Edênio (org.). *Memória histórica*, p. 111.

46 Cf. VALLE, Edênio. Um triênio com jeito de mulher. In: VALLE Edênio (org.). *Op. cit.*, p. 174.

47 Cf. *ibid.*, p. 188.

Espaços em Transformação. Conscientiza-se de que, em um mundo em processo de transformações inéditas e desafiadoras, a tentação do medo e da acomodação paralisantes é uma ameaça constante.⁴⁸

A VRC se vê enfraquecida, sujeita a render-se. *Avance* é a Palavra de ordem que a ergue para além dela mesma e do desconforto que o novo produz. *Avance* sobre o abismo da dúvida, da incerteza, do desconhecido, da imprevisibilidade. *Avance* rumo a novos espaços de construção, a novas fronteiras e engendramentos da vida.⁴⁹

Nessa perspectiva, reafirma seu serviço à vida, sobretudo dos pobres e excluídos; fortalece a inserção nos meios populares, espaços de solidariedade e cidadania; cultiva uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero; amplia as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias; intensifica a partilha dos carismas com leigos e leigas; busca novas formas de aproximação e presença junto às juventudes.

A XXII Assembleia (2010) ouve com atenção a Palavra dirigida aos Filipenses: “Qualquer que seja o ponto a que chegamos, continuemos na mesma direção” (Fl 3,16). Cresce a convicção de que a Palavra de Deus firma os passos, ilumina as reflexões, gera comunhão. A mesma direção não nos leva a um lugar, mas à pessoa de Jesus. “De olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3) são palavras que selam o compromisso com o Reino.

A Palavra de Deus impulsiona a VRC a *avançar* com os *olhos fixos em Jesus* (cf. Hb 12,2), a reafirmar sua identidade místico-profética-missionária que a leva a defender e promover a vida, assumir a causa dos empobrecidos, atuar em novas periferias e fronteiras, construir e ampliar as relações humanas, fraternas e solidárias com os irmãos e o todo criado, em diálogo com as diferentes culturas, etnias, religiões, gerações e de gênero, buscar leveza e agilidade pessoal e institucional, ampliar fronteiras e partilhar carismas.

48 Cf. CRB. Diga a esta geração: “Avance”. *Convergência*, ano XLII, n. 405, p. 385.

49 Cf. *ibid.*, p. 385.

Em um tempo de mudanças paradigmáticas, pluralismo religioso e a emergência de novos sujeitos sociais e culturais, a VRC, desejava de um encontro mais profundo e transformador, como os discípulos de Emaús, na XXIII Assembleia (2013) suplica: “Permanece conosco!” (Lc 24,29). Ao refletir sobre as exigências da *Vida Religiosa Consagrada Hoje – Identidade e Esperança*, sob a luz da Palavra de Deus e atenta aos sinais dos tempos, *busca iluminar* o caminho feito e as perspectivas que perpassam a vida e a missão dos consagrados e consagradas.

O que a VRC vem conversando pelo caminho? É natural diante da crise a desesperança e, por isso, fazer o caminho de Emaús, abrir a porta e deixar o *Peregrino* entrar pode fazer o coração arder e a escuridão pode dar lugar à luz. Só o encontro com o Ressuscitado rompe a nebulosidade que detém a VRC. De fato, é o Ressuscitado que nos diz, com uma força que nos enche de imensa confiança e firmíssima esperança: “Eu renovo todas as coisas” (Ap 21,5), afirma o Papa Francisco (EG 288).

A VRC deve manter a mística e a profecia como ressignificação do seu ser consagrado, reafirmar a opção preferencial pelos pobres, a intercongregacionalidade na missão, a interculturalidade como caminho de diálogo e proximidade solidária das realidades sociais e étnico-culturais.

A Vida Religiosa Consagrada sente-se interpelada: “Levanta-te e caminha! Reapropria-te da tua identidade! Anuncia ao mundo a alegria da Ressurreição! Comunica com o coração, com as mãos e com os pés que Jesus crucificado e ressuscitado está em nosso meio e se deixa encontrar nos pobres”.⁵⁰ Fica conosco, Senhor, para que empreendamos o caminho e despertemos a humanidade! O Papa Francisco, ao proclamar o Ano da Vida Consagrada (2015), indica o caminho da *alegria*, que brota do encontro pessoal com Jesus Cristo, e convida a Vida Consagrada a sair ao encontro da vida, da história e da humanidade.

Com certeza, há muito caminho a percorrer. Por isso, é fundamental *perscrutar os sinais deste tempo com os olhos fixos em Jesus* e avançar com esperança, como discípulas e discípulos missionários de Jesus Cristo.

50 CRB. Mensagem final da XXIII Assembleia Geral Eletiva. *Convergência*, ano XLVIII, n. 465, p. 534.

Referências bibliográficas

- ANDREATTA, Cleusa Maria. Comentário 1. In: VALLE, Edênio (org.). *Memória histórica: as lições de uma caminhada de 50 anos*. CRB, 1954-2004. CRB, 2004, pp. 159-167.
- BOFF, Leonardo. Dez anos de teologia na CRB. In: CRB. *Dez anos de Teologia*, CRB, 1982.
- CALIMAM, Cleto. Sob o signo do Concílio Vaticano II. In: VALLE, Edênio (org.). *Memória histórica: as lições de uma caminhada de 50 anos*. CRB, 1954-2004. CRB, 2004, pp. 53-69.
- _____. *O Concílio Vaticano II e a Vida Religiosa no Brasil: uma recepção criativa*. CRB, 1988.
- CASAGRANDE, Moacir. Comentário 1. In: VALLE, Edênio (org.). *Memória histórica: as lições de uma caminhada de 50 anos*. CRB 1954-2004. CRB, 2004, 110-113.
- CAVALCANTE, Tereza. A Palavra nutre o sonho. In: *O lugar da Palavra de Deus na Vida Religiosa Consagrada*, CRB, 2007.
- CLAR. *Seguir Jesus: leitura orante do nosso testamento* 3. CLAR, 2009.
- CRB. Diga a esta geração: “Avance” (Editorial). *Convergência*, ano XLII, n. 405.
- _____. Mensagem final da XXIII Assembleia Geral Eletiva. *Convergência*, XLVIII, n. 465.
- FREITAS, Maria Carmelita de. Conjuntura Eclesial Latino-Americana e Vida Religiosa. *Vida Religiosa e nova consciência eclesial*. CRB, 1988.
- _____. Peregrinos da fé. *Convergência*, ano XXXIX, n. 374.
- _____. Primórdios e alicerces. In: VALLE, Edênio (org.). *Memória histórica: as lições de uma caminhada de 50 anos*. CRB 1954-2004. CRB, 2004, pp. 15-48.
- LIBÂNIO, João Batista. A reflexão teológica sobre a Vida Consagrada. In: VALLE, Edênio (org.). *Memória histórica: as lições de uma caminhada de 50 anos*. CRB 1954-2004. CRB, 2004, pp. 77-109.
- VALLE, Edênio. Encruzilhadas e passagens. In: VALLE, Edênio (org.). *Memória histórica: as lições de uma caminhada de 50 anos*. CRB, 1954-2004. CRB, 2004, pp. 125-158.
- _____. Fazendo teologia da Vida Religiosa: itinerários e contextos na caminhada de uma Igreja em movimento. In: *Horizontes de uma Caminhada*. São Paulo: CRB/Loyola, 1996.

_____. Um triênio com jeito de mulher. In: VALLE, Edênio (org.). *Memória histórica: as lições de uma caminhada de 50 anos*. CRB, 1954-2004. CRB, 2004. pp. 173-188.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

O movimento de renovação da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada antecede e prepara o Concílio Vaticano II. Em um mundo em constantes e profundas transformações, o *aggiornamento* é uma exigência que se impõe. Nesse horizonte, vamos refletir.

1. Identifique e contextualize os principais eixos teológicos que impulsionaram o grande movimento conciliar de *aggiornamento* da Vida Religiosa Consagrada.
2. Na realidade brasileira, quais foram as estratégias eclesiais responsáveis pela dinamicidade do processo de renovação?
3. No tempo que nos cabe viver, quais são as exigências do processo de renovação, ante os desafios que a realidade apresenta à Vida Religiosa Consagrada?



ASSINATURAS

Prezado(a) assinante,

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 125,00 (para o Brasil)
- R\$ 175,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site <crbnacional.org.br>, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 2863-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

convergencia@crbnacional.org.br

ou pelo telefone **(61) 3226-5540**

ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).